

Mário Lima Jr.
“Indefinições”

Mário Lima Jr.

“Indefinições”

Se tivesse poder de previsão dos acontecimentos, bons ou maus, estaria cruelmente fadado ao desespero do tédio e da rotina. Largue-me nos braços das reverberações indefinidas da alma, ao acaso, à inconstância mental. Quero errar e esquecer e não saber de que sou tudo.

Desenhos escritos de um conflito existencial

Ao confessar revolucionária auto-avaliação interior (inérita), num rascunho amarelado de papel cheirando a fumo, esboço o contorno traumatizado do meu ser, recém-revelado.

Desenhos escritos de um conflito existencial

Sou gente. Passando na frente do espelho, percebo-me. Noto vulto negro, sobressaltado e temeroso, inconsciente do poder de ação e transformação que possuí. O reflexo é visão de luz nos olhos de coelho caçado pois fujo natural e rapidamente de quaisquer vistas. Disciplinadamente, nego-me exceções de hábito. O tempo hábil para demonstrações mínimas de confiança retraída é arisco, instinto de pássaro.

Enxergo milhares de indagações saltitantes sobrepondo minha imagem: “Logo comigo? Como foi me acontecer?”. Errei nas escolhas corretas; definitivamente. Procuo entender se de fato optei ou vítima fui (tão mais confortante seria) de atraentes perdas masoquistas, já difíceis de discernir entre triviais prazeres pagãos descartados. “Se não me forçaram e tampouco recompensado fui, devo arrepender-me?”. Está longe de ser meu caminho racional - “está? De onde vinham firmeza e confiança no início da jornada?”.

Questiono-me individualista, solitário, velho e gasto; observo interior mutilado e previsível. Tenho os olhos suspensos ao espelho, cheios de luz opaca, ofuscados pela fé que admito: falsa, inocente, marota e aventureira. Como tem sido desde traumático testemunho infantil de insetos, tão cascudos quanto peludos, vistos nas paredes do apartamento. Custa a lembrar-me, iludido por tal fé incauta, da reação me provocada naqueles idos. Enfrentava-os, tentando com prudência esmagá-los, ou corria de medo buscando proteção acolhedora embaixo dos lençóis, escondendo a cara trêmulo? Atualmente sofro retração absoluta dos músculos do abdômen primeiro, me agacho no canto, reúno segurança suficiente e então os mato.

Recordando-as através do espelho, alegam-me outras lembranças de criança entre amigos, indispensáveis ao crescimento saudável, maiores e menores que eu. Nas brincadeiras de rua deixava-me passar por inferior a eles, ah, fazia isto constantemente. Possuía intimidantes sensibilidade aguçada e timidez considerável, explosões solares internas se comparadas às deles, e claro, consumindo de dentro e não liberando energia afora.

Perseguido por pseudo-inocência cultivada, no futebol era goleiro. Contentava-me ouvir meus amigos gritarem “gol” de felicidade ao marcarem um; eu adorava. Permitia que marcassem vários gols de diversas formas e voltava para casa satisfeito, contando que seria noutra dia convidado ao jogo. Usufruindo do artifício de inferioridade, intermediava a realização espiritual dos meninos. Porém, mamãe pensava que eu era tanto goleiro porque tinha talento para atuar na posição, “era a minha preferida”. Sim, mamãe - até hoje ela não sabe, não contem! - ficava até

vermelho: “Droga, tentei agarrar! Não deu, po”. Sustentando um paradoxo, pensava fingir atitudes fracassadas. Com a adolescência lá longe, não obstante, ainda penso (me contem!). Porque lembro quase nada daquela época suave, infância sem ar, desencorajadora e protegida (apartamento térreo - inútil pular); como me afligias. Recebo farpadas na memória repletas de teus atos revolucionariamente obscuros. Submetem-me à ininterrupta dor se me recordo das novidades no pesar e do aprendizado sofrendo o novo como mal natural; cada ação qualquer um desafio à calma da gestação minha, no útero, no cômodo.

Sendo não só minhas atitudes, toda voz, briga, discussão; doíam-me tentativas desesperadas, em vão, da simples respiração às aspirações materialistas não realizadas na vida da gente. Contudo, agora rechaço aflições infantis não por completo sujeitando-me. Documento o acúmulo e renovação experimentais, como se o fogo fosse ferro e este mero objeto de manipulação da alma que nasce equivocada, no dia errado, visando obter sucesso contra banal comportamento da existência (digo, sobrevivência), como boneco de vodu que as espetadas não sofre. Sinto-as ainda...

Bem, descartando com esforço o que vira ao espelho, adiante há água na cozinha, vasilha de biscoitos e a porta do quarto. Que me deram, meu. Rascunho-me ignorando de onde saí, da sala de estar ou do outro quarto, colado à sala, oposto ao espelho. Preso por horas neste intervalo, acorrentado à vaidade, ao lento esgotamento sedutor e cansativo da imagem, perco compromissos e encontros lutando contra voraz insatisfação da beleza. Na extensão da derrota que tarda graças ao maldito otimismo pregando a melhora da aparência. Será que se refere ao abatimento? Diz-me - bela imagem. Mas exagerado, o quê agrada? Cansa-se de tudo.

Decido outra vez após a infância ingerir o comprimido da hipocrisia. Ignoro meu reflexo e atinjo o quarto sem deixar de encarar a visão por milésimos de segundo. Questionei C.L. enquanto trocava o passo do autoconhecimento, amando-a por me obrigar refletir à toa a fim de evitar repetições de palavras suas, inclusive inconscientemente. Toca na casa, complementando o clima sombrio da consciência verdadeira do que sou, o som inglês de uma banda inativa desde meados da década de 80.

O martírio de ser realmente humano, ter ídolos mortos (poucos partilham do bom gosto), motiva a loucura da exclusão psico-social e bastante devaneio. O desespero antecipa-se, veloz como coelho, debochando da esperança, frágil como fé, antes dela imaginar-se vendo a luz do nascimento de poderoso adversário: o reflexo da realidade existencial. Estranhamente

estarecedor, repleto de frieza da visão estática de seres e objetos inanimados em movimento. Dotado de extrema sinceridade impessoal, quem o vê evita encará-lo. Hipócritas somos. A aranha, por exemplo, não teme seu reflexo – caminha descompromissada sobre o espelho. Leva a vida de forma apropriada, o instinto lhe sugerindo.

Enquanto julgo a destemida aranha, comparada ao próximo, sentencio-me friamente. Pretendo romantizar o susto da visão insípida do que represento diante de mim mesmo. Sou covarde.

Quer me ver?! Mas se vê com olhos!

Com olhos que podem ser os meus, lacrimejando em ação de graças às lágrimas que me secaram. Preferi abortá-las, cheias de vida e sal; pecaram ao decifrar a causa e desembaçar o motivo medroso que me fazia chorar. Olhos de grandes cílios, estes. Embaixo de forte luz fluorescente refletem castanhos bem no canto. Esforçam-se para desta cor parecerem. O suficiente para abrir belo sorriso num negro ou índio se a eles pertencessem.

São olhos gratuitamente racistas na tonalidade. Feitos do chão de barro que a humanidade pisa, deveriam ser alvos de preconceito quando claros. No entanto, quem sabe chorar, poupe-me os olhos. Me batam, não sei! O que há?

Escrevo deveras sem escrita ou tópico, mas aprovo! o que há? Ninguém pode afirmar. Somente o próprio tema se conhece, objeto de estudo personificado em palavras. Suas origens, tamanho, fraquezas...

Simplificando, pensem profundamente neste pedido extraordinário: suplico que se amem! Evitem ver uns aos outros com olhos desvirtuados caso pretendam aproximações sinceras. Estamos acostumados a descortinar nossos defeitos nos outros, neles almejar frias ambições próprias, adestrados a descartar entidades humanas ignorando necessidades e deficiências mútuas. Digo: perfeito é o ser que passa toda vida sem desconsiderar os sentimentos de outrem. Unam-se à roda da existência caridosa e brinquem como gostariam.

Por aqui finalizo a divagação unindo-me à surpreendente percepção da admiração despertada pela imagem da bandeira brasileira, tremulando no alto do morro sob nuvens carregadas, vento forte e chuva. Se por pouco amaria alguma coisa, seria o reflexo dos dispersos raios de sol, vindos de trás, iluminando-a as cores; vivificando inalcançáveis paradigmas patrióticos. Com proveito os absorvo mas esqueço de saber: são estes olhos errantes que os alcançam. Pobre de espírito, simplesmente vejo.

Velhos caminhos e antigas escolhas da existência

Como nas outras pouquíssimas vezes, aqui estou, vim te procurar. É hora de desespero, mas não me culpe pela fraqueza, sintá-se lisonjeado por ouvir-me obrigatoriamente. Não é uma ordem, amigo! Deve ser cumprido para que sejas diferente de mim tendo algum sentido interior.

Acalmo-me aos poucos. Talvez agora consiga dizer claramente coisas importantes:

Já me deram tudo que eu pediria se tivesse razões para reclamar. Vi vários como eu, geneticamente falando; provavelmente se questionam também. Minha mente, perturbada, admite traumas que não se exteriorizam tão feios assim. Amigos normais, concluindo, deveriam me querer bem.

Pessoas enfrentam e vencem! obstáculos no dia-a-dia, cujo sopro da possibilidade de se aproximarem de mim me estremeceria. São empecilhos enormes, cercando toda parte, poupando só minúscula brecha cansada de ser ultrapassada por onde invadem a realidade. Sem se dar conta da imponente montanha, sublime e arrogante, atravessada. Mas, eu vejo.

Encaro a fresta e consigo passar por ela (caibo nela?). Hesito enfim, não sigo, não passo. Olho acima das copas do nada, dentro de minhas órbitas: o paredão, berço de galhos jamais podados embutidos grosseiramente na pele, por força divina não param de coçar; cresçam, galhos. Há ninhos arquitetados neles, dentro emoções que não quebrarão suas cascas, sentimentos esquecidos pela mãe prematuros. Desconhecem a onipotência secretamente abrigada no prazer de voar, tão inocentes os passarinhos antes de experimentarem a morte da inútil tentativa de sobrevivência. É simples assim, embora ninguém veja.

Meus olhos sozinhos movimentam-se 360 graus numa única direção infinita, horizontal, e aprecio as laterais: minha vista se perde no horizonte; o paredão se entende até lá longe. Sua aspereza forma crateras do lado esquerdo de medidas exatas à existência de comunidades de seres, friso, organizados, povos filhos da grosseria que torce nossas tripas, mundos inteiros entranhados admiro suportando a solidão esplêndida da beleza montanhosa no peito. Cada palpitação impulsiona-me na língua dos anjos a espantar tanto peso e transpor contida intenção de permanecer imóvel. Como poderia traduzi-las? Naquele instante só dispunha de uma asa, medíocre, tentar suspender a antiga montanha mostrou-me ingênuo.

Alguém me empurra porque quer passar logo pela entrada e obstruo o caminho. Pela primeira vez tiveram coragem de me dizer que impedia. Fui jogado para o lado direito, o qual não faz parte da rocha. Sua extensão completa é um portão transparente. Fila venenosa, rastejante e

gelada se forma diariamente na entrada da brecha da montanha, só passando um indivíduo de cada vez, porém, existe um portão imenso ao lado que se fecha deixando a chave dourada de fora. Estudei-o com afinco por segundos, sei como vencê-lo. Contudo, me falta coragem para seguir por ali, sem ninguém executando semelhante tarefa, e avistar o outro lado com minha alma mais vaga ainda. Também posso ficar aqui, observando esperanças permanentes nos ninhos volumosos dos galhos.

Deixo minha visão se esvaír entre esnobe experiência adquirida pela renovação dos medos, amantes dos antigos temores, me isolando mais distante. Os pássaros se multiplicam.

Uma agulha na parte traseira do meu cérebro alerta-me de que posso adentrar pelo portão invisível tranqüilamente; pessoas decididas já habitam lá onde é pleno, suave.

Um pedido? Orgulhem-se por não temerem tarefas simples. Ou quando ignorar o bom senso nas atitudes parecer simplório.

Escolhas não há, usufruímos meras opções pré-estabelecidas.

Aliviou-me sim, mas continuo sufocado.

Escrevi o quê queria

Neste momento estou calmo, livre... apático, se não devidamente comportando-me como quem, licitamente, não se prende a nada. Falo de mim mesmo porque cansei dos personagens de apresentações rebuscadas que não aprendi fazer na escola.

Até reconheço a gravidade mansa presente na fidelidade das palavras que compõem um belo realismo, mas o instante é de graça: tive agradável e confortante confirmação da idéia que carinhosamente preservava, da teoria pela qual teria humilhada a reputação, pública, para tornar verdadeira.

Entretanto, afirmações de argumentos próprios são prejudiciais ao coração. O meu endureceu e flutua cada vez mais alto, acima do amor sincero dividendo de rotinas habituais, sofridas, monótonas, como o momento se apresentou. Devido à falta de coragem, acreditem, tenho qualidades. Insignificantes. Sem ousadia, é fato, ninguém garante nada.

Vêm como não faz sentido? O que gostaria de escrever é igualmente vão, todavia, me faz padecer viver sem dizer. Por enquanto oculto-lhes com dificuldade e pena; sei que gozariam vultosas revoluções no organismo ao revelar-lhes - sucumbi há pouco à semelhante fraqueza, admito, exímio carrasco.

Durante a leitura, por acaso se deparam no meio da página com a imaginação repentina do caso lido acometendo vocês? Constantemente ocorre comigo diferente dos outros – se conhecessem meu escritor favorito, concordariam sem exceção, porque ela nos provê das características secretas do ar respirado por seus personagens, absorventes com mais afinco das mágicas conseqüências narrativas idealizadas; ainda que não me sinta tentado a incorporar amaldiçoados papéis de carcaça moldada, creio noutra camada atmosférica superior, numa nuvem intacta acima do ar deslocado pelas cordas vocais ao pronunciar “flor” ou “estrela”; relaxo, pratico agora, adormecido e anestesiado, mais elevado, se bem que equivalente à confirmação majestosa recebida nos céus da severa punição dada, após a morte, aos leitores racionais pouco imaginativos.

Perverso? Eu? Agarro-me à limitadíssima possibilidade de ser lido. Dou-lhes além várias dicas: aguardem o castigo póstumo pacientemente lanhando a face com a lâmina do apontador escolar. Facilmente retirada, até cega corresponde às melhores expectativas autopunitivas. Imolem-se enquanto desejam a morte de algum familiar: pai, mãe, irmão, avó, o próprio gato ou

amigos feios principalmente, seja quem for. Alguém desprezado por vocês, mas considerado simpático e querido pelas pessoas em geral. Mentira, das grandes, algum errôneo leitor não ter antecipadamente planejado experimentar pena semelhante repetidas vezes.

Nova confirmação subliminar de argumento ideal e conluo que fui percebido. Sendo teoricamente compreendido pelos astros, simultaneamente fluiu razão misturada a sentimento por minha nuca. Talvez esteja escrevendo demais o que quero... novamente, passou voando! Tiveram a crua sensação?

Triste, iniciante nos assuntos concernentes a mim, já tentei diversas vezes, ego humilhado, escrever: “Triste, iniciante nos...” (gostaria de amar). Bravo, pude dizer um pouco desta vez.

De metal

Minha felicidade atual é revigorante e surpresa. Finalmente encontrei perdido, imerso numa espécie de água cerebral destilada, chacoalhando de um lado a outro do meu crânio, o assunto que buscava. Corroendo-me há um ano e meio, cujo nome ignorava, presentia sua existência sem tê-lo por ora experimentado; conhecia-lhe a suculência e o frescor pela impaciência indizível por nascer que compartilhávamos.

Aqueceu-me o corpo tê-lo descoberto, da cabeça às costas. É branda e envolvente a grandeza acolhedora da felicidade. Paralelamente vou logo prevenindo-os do negativismo, perversidade e injustiça no futuro próximo proposto. Desconfio que estas sejam as características da minha tendência de maior afirmação, talvez crie moda.

A pesada busca pelo fim me esmaga. Curso incessantemente minha tragédia de procura infernal, apimentada de enxofre pessimista: decidi; decidi? Aposto que sofro influência das modernas deficiências psicológicas atribuídas ao homem e das falsas necessidades de sobrevivência humana implantadas pelo sistema econômico dominante no globo, ao “optar”.

Optei ao contratar serviços de assistência funeral aos dezenove anos. Quando nada tinha a perder, além da esperança barata. Propuseram-me símbolos ornamentais enfeitando a fachada de um lar onde habitariam minhas gerações vindouras. Aceitei, afinal, amanhã posso não estar de pé ao lado dos meus...

À medida que escrevo, proporcionalmente eternizo confissões perturbadoras (sinceramente, ambiciono esquecê-las). Equilíbrio originado da timidez inimiga da sinceridade.

Minha quente alegria resulta... alegria, linda ursa, sobranceiras feitas, gata manhosa felina, fêmea!; filha da felicidade pura de tangerina com “dade” aquático na língua; provooco intencionalmente a felicidade. Luminosa vejo-a, mergulhada pouco abaixo da superfície da herança deixada a mim por meus bisavós italianos: cristalino lago central num vale fantasiado meio úmido, invadido por poucos raios de sol que vencem a copa das árvores; claro, lago verde e límpido dos contos de imaginação na floresta da maldade, mãe que abriga duendes, mongóis, ursinhos? e fadas. Exatamente, pelúcia, muita pelúcia. Parasitando a língua, tomando-a e digerindo o ventre. Meu carinho é de pelúcia também. Nos lábios ofereço-a, dão pelúcia e amor aos que crêem na luz da felicidade-palavra, a mesma da cena produzida por câmera mergulhada no lago e virada para cima, sob fina camada d’ água cobrindo a lente, capta o porquê

desconhecido da ocorrência de luz à manifestação oral ou escrita da palavra felicidade. Mais do que na pronúncia, percebo luz familiar ao escrevê-la. Nisto há.

Falta-me tempo. Diria bem em letras garrafais que fugi de novo do próprio nirvana ao involuntariamente desviar o pensamento da luz. E fugi - castigo-me tentando diariamente realizar coisas pela primeira vez.

Com autodisciplina obstinada, cruel, sou tenaz honroso da triste sina a mim ofertada. Deixo nada por fazer. Assumo o mal a despeito de não estar totalmente possuído. Obtenho satisfação de minh' alma triste e lógico, engana-se, Morte, sentindo-se com dever cumprido.

Apaziguo o efeito de tantas experiências improváveis! Constate meu destino: luto com todas as forças, venço o medo do incompreendido virginal. Ressacado o corpo de cansaço, enrugada a alma, seco e velho o espírito, realizo. Tudo uma corrente viva, contudo. A eterna impossibilidade de enfrentar situações que requerem o estabelecimento pleno de vulgar consciência pessoal surge como o primeiro anel de surpresas do universo de diferenças seguidas entre mim e o resto dos seres pensantes realizadores. Infinitas desavenças morais descubro cada vez maiores.

Do bolo como a cobertura caindo na expectativa do sabor do recheio. Divido-a entre a garganta e o estômago, aceitação da normalidade e pré-vômito de aprendizado leviano. Regurgito o excesso de conhecimento desperdiçado ao repugnar-me saborosa cobertura recém-descoberta. Enoja-me o tempo perdido cultivando ignorância prepotente; constate-me o destino, sou extremamente humilde.

Por isso, perdoe-me, fugi da luz da felicidade. Compreensível covardia. Aventuro-me no amor porque dele tudo entendo.

Maravilhosa coerência estrutural!

Inseridos num grupo social comum, assumidamente alienado, a inconsciência natural de ações errôneas cometidas torna mais limpos e corretos nossos objetivos.

Provavelmente não, espécies ignoradas de borboletas não sofrem angústias. Ao descobri-las via primeiro olhar, exibem belas cores vivas. Perdendo a majestade instantes depois, afinal, “descobrir” simplesmente a beleza selvagem de uma existência concreta, no mínimo, desperta cobiça sobre ela, como desconsidera atributos indeléveis de caráter e personalidade do ser.

Abordar assuntos intermináveis sufoca os demais pensamentos sob o peso descomunal de um único clímax constante. Desespera mentes que tendem a agrupar fatos diários em séries universais, reunidas como invólucros interligados por frio metal. Causa medo brando, descompromissado, confundível com expectativa da certeza sobre a alma do mundo.

Aos poucos atinjo alguns clímax de diferentes correntes ultrapassando mal os elos primeiros com custo sagrado. Desperto divergentes idéias nebulosas (desconhecidas, inexistentes espécies) e assimilo iniciações precariamente experimentadas nas obrigações sociais corriqueiras. Se acumulo riquezas, viso inteiramente levá-las à morte, ao ostracismo da expiração cósmica. Corrente mais pungente. Querendo Deus, supero o próximo anel. O primeiro aqui está, nas linhas, mastigado. Refletindo-as, não alcançamos seu final, temos o início da corrente criadora. Enfim vomitado.

Charme

Eu já morri e nem sei. Esqueci de acordar para a vida. Neguei votar importância ao meu próprio sufrágio e agora estou aqui, sendo sem sentido, inútil. Embora falecido, conheço completamente os resquícios valorosos da curta passagem minha pela terra, portanto, nada escapa de tornar-se objeto, sem graça, de comparação com meus atos moribundos.

Exalta-me nada ter aprendido enquanto pisei na terra, frente ao desestimulante, e me enojado com as tentativas desinteressantes de ensinamento alheias.

Aprendi matar esperanças, me aperfeiçoei, desenvolvi formas sutis de violentamente calar-me perante o inimigo nuclear, biológico e químico me observando de trás.

Desiludido com a vida que não disponho mais, ainda bem que me recordo de como são feios os homens baixos de ombros largos (não me olhem!) ao realizar horrível exercício, de solidão. Nele você mesmo se abraça obtendo refrescante sensação... dor! solidária espontânea e pena abate quem olha para as costas de um homem baixo agarrando-se agora.

A justiça, quem diria, certas ocasiões apresentava-se inoportunamente. Se tratado com ignorância, sufocava a raiva do meu algoz sentida caso o mesmo tivesse sofrido trauma anterior na vida; era mimado.

Palavra repetida, todavia, aprecio sim o ato de escrever. Em breve haverá concurso de redações, ajudai-me, se me ouves.

Fui outrora esquecido, usado. Ela se envolvera sem mim. Envolvimento não, problema, na realidade. Confessava-se irritada com a complicação lhe implicada pelos homens, sua mais excitante restrição como moça casta. A amei triste, como qualquer outro faria diante da própria idealização. Tristeza é amor sem adoração. Lícita a mim, enlouqueço.

O mundo me desperdiçou, não acolheu o filho, em vão procurei apoio. Estava à porta da certeza de drástica solução, complexa fuga da derrota, com frágeis provas contrárias à convicção absoluta.

- Senhor sem-vergonha! - dizia de mim o garoto trepado no muro da vizinha no instante que me convenci.

Eu diariamente folheava papéis avulsos sentado na calçada de casa, relia rascunhos literários há tempos guardados.

- Pela primeira vez odeio alguém, juro, o odeio. Esse velho não percebe? Sabe que é desnecessário e não se mata! – saltando do muro desabafou alto o suficiente para que eu ouvisse.

Sangue de várzea

Vinha da rua descalço, suado e cansado, o jogo fora divertido - esta lembrança infantil vem repleta de inconsciência do infortúnio que estava prestes a me assolar. O que sabia do futuro na primeira ocasião que bem utilizei meu reflexo era infundavelmente latente. Se não fosse, teria permanecido imóvel e humildemente ofertado à foice fria o pescoço nu.

Só queria chupar uma laranja. Para tal a faca deveria ser minha e estava no alto, em cima do armário, próxima ao teto. A altura era maior naquele tempo quando a sujeira era vista como companheira inseparável da alegria, trazia “caracas” no pescoço, debaixo do braço, os pés voltavam marrons do campinho de várzea.

Pior, foram duas facas... qual caiu primeiro? Gosto, desinteressadamente, mais do ferimento provocado na mão esquerda. Contudo, o na direita, já perto do punho, fica bem onde ela dobra para escrever e por isso quase sangra; sangramento que envolve arranhar, marcar presença.

Na ponta do pé, tateei a superfície do altíssimo armário de ferro de mamãe e da cozinha. Senti ferrugem em abundância no lugar onde meus dedos tocaram. Ferrugem e sangue formam o par mais diabólico que conheço. Eu não enxergava o que fazia e me apoiava na sorte - de curta duração. Pensando bem, poderia ter visto “várzea” de verdade. Poderia ter seriamente me machucado: areia, ferrugem e sangue matam e enterram simultaneamente. No entanto, pude colocar as mãos no rosto, de punhos cerrados, antes de cada lâmina fazer um corte onde lambeu. Meus pés se livraram!

Anos se passaram entre cada corte; ...eles são bem parecidos. Arreganhando o indicador e o médio esquerdos até a junta alcançar a parede, exatamente entre os dedos tenho o corte pouco mais grosso que o do punho direito.

Escapou-me da memória o que me feriu na realidade. Antigamente eu não era tão falso. Apresentava, insolência de antemão, ataques de cinismo mais raros a meu ver. Mas esta fantasia desperta quando olho minhas mãos. Para o início da esquerda, para o fim da direita.

Vida minha

Na manhã do dia seis de junho, ano corrente, fiz sem dó nem piedade setenta e nove anos de pura reflexão, despertada em cada alvorada sofrida, a respeito de qual papel social assumiria em comunidade. Percorri primaveras à margem das modas de época fatalmente atravessadas, como mero, imparcial, observador deslocado de comportamentos (familiares, na maioria). Angustiado por não entrever razões suficientes, beleza e atrativos menos ainda, que me levassem a adotar mudanças no meu jeito de ser, nas minhas cores prediletas, alterar o estilo dos meus chinelos e sapatos.

Andar de lado e tropeçar faço desde garoto, quando varreu o Brasil a tendência dançante de remexer os quadris sensualmente ao som de batuques originários da África, durante bons cinco anos; mantinha o exterior do corpo ereto, olhar fixo no escape virtual (animal, bebê ou paisagem), abrigo da cena de um público de centenas rebolando inadvertidamente. Andava do meu modo, entregue à aflição de agir diferente da massa, dela a exceção, absorto na dúvida referente ao caminho seguido até a manhã que me esconderam a ida, sem tempo, à “paz horrenda”, ao nada – de onde eu ia e vinha, sucessivamente, enquanto me amaram (face à traição da morte, não falarei de amor).

Doei-me com exclusividade aos sentimentos e sensações das ações que poderia ter realizado e nunca pratiquei. Vivia assim... Com isso adquiri alguma experiência literária que possa hoje, do leito, transmitir em ondas pessimistas. Família tive, irmã, um amigo, morri? Há bastante medo aqui. Quem soubera?

Neste temor da vida, na indefinição de identidade pessoal composta sem influência do calor e tolerância humana, há com certeza o brilho da arte de pensar que insisto em admirar. Imploro humildemente, nesta idade, que meu esplendor dia desses seja perceptível a olho nu. Para me admirar por instantes. Do pavoroso potencial abrigado em mim, pela incapacidade santa de libertá-lo, surgiria mal avassalador subjugando as virtudes do mundo. Doer-nos-ia.

Eu morava sozinho. Comida evitava fazer, por causa da saúde. Sucos e vitaminas de cores vivas era a prescrição médica principal, bem batidos no liquidificador, como o doutor orientou, poderia tomá-los grossos na janta pelo menos. Ironicamente, meus braços pesavam mais à noite, ficando difícil mantê-los à certa altura, e minhas pelancas tocavam o preparado gelado e doce. Criando potente aspiração, a hélice nervosa do aparelho inúmeras vezes sugou, cortando-me, a

pele flácida. Devido ao vácuo, ao vento, ao presente covarde desistente da concretização, tenho revelado que isso fere mais profundo que o corpo.

Meu dia era ser idoso, culpado. Hoje, vivenciando estado de desgraça, é ser idoso, culpado, publicamente. Todos conhecem e sabem, viram pavor recolhido quieto no esconderijo do meu peito e o mais que ele respira: destruição de si mesmo, ódio do mundo, vingança própria. Para agir pela primeira vez, prezei por gigantesca reação, como prefácio da distinta condição que possibilitaria a felicidade, tardia, de um bastardo privado de amparo e tradições, homem aqui pelo mundo, caído na popularização da idiotice maior. Do povo se ganha pouco, muitas vezes ninharias.

Se é bom ser velho? Bem, voltar a ser criança, incapaz de causar suspeitas, posso aproveitar tal vantagem – subiu-me um fogo pelo gogó me engasgando como pimenta! Suspirei sôfrego e quente, esfreguei as mãos no papo, com isto fiz brilharem meus antigos olhos azuis, suplicantes, cheios de pitadas marrons de mau humor. Se não fosse a lição do sufocamento, temo, cometeria algum crime.

Dêem-me filhas, várias filhas de nenhum casamento curto e monótono, para apaziguar este inferno no espírito. Nascidas da lambida no ar, da mordida no quadro-negro, do som de uma urinada em cima do isopor. De maneira irreverente, como sinto...

Sou muito velho e idoso, por que me deram filhas? Uma delas ergueu-me inteiramente na atmosfera por período relativamente longo, ao fazê-la, vindo de mim, sangrar à minha frente. Por quê? Sonharia com anônimas, atacaria uma mendiga asiática passando na rua; filhas, se jamais ajudei sustentá-las? Para que, se três dias após sangrei quantidade igual a dona do orfanato, que não sabendo me educar, convenceu-me a deixá-la criar minhas meninas do modo profano de heranças retraídas, sem ideais, que me criara: manter quatro horas por dia azeitonas pretas na língua, na garganta e na ponta dos dentes? Que sabor, lembrado até hoje, tenho do fruto e das justas idéias suprimidas nele. A azeitona impediu-me de prosseguir outra vez.

Eu era velho e o menos saudável! Contudo, aplicadíssimo nos exercícios de prevenção do câncer de próstata e na filosofia da limpa alimentação, nesta última década. Pensando com austeridade, reconheço ter nascido gasto da idéia, o coração envelheceu depois, com os anos desperdiçados voando como estrela cadente, provando como se faz simples e necessária uma aventura de vida! O problema é que envelheci alheio a isto, porquanto a idade, na falta de base ou

justificativa, não se atreveu a me enrugando completamente antes de eu adquirir experiências mundanas. Diferente sendo criança, merecedora de proteção vigilante bastante tempo, tanto quanto acolhimento físico no ventre da mãe.

Aliás, falo demais sobre mãe: busco suprir privação crônica de raízes generosas. Falhei tentando desenvolver características pessoais de boa índole durante existências passadas (sincero mal de família). Não menciono alegrias fálicas gozadas; outro homem nesta idade certamente o faria. Entretanto, aproveito a ocasião, descubro hoje, revelo em breve.

Nutria virgem desejo de amor proibido, dele falo abertamente, mistério sedutor. Seus praticantes, nobres superinteligentes, evitam revelar suas maravilhas, tornando-o ainda mais atraente. Pois bem, belo dia, optei e vivi, chorei, tive culhões – agi sonâmbulo; segurei firme a respiração apertando-a entre as mãos. Oh, mundo, se quisesses o poder da respiração em tuas mãos, como lidaríamos com os piores flagelos atuais: sem-terra famintos, colecionadores de livros e mulheres que demandam carinho? Dispensa imaginar quão horrível!

Foi dispendo de força total que levantei-me do chão sozinho, carente de ajuda, tendo despencado do alto do meio-fio de peito no asfalto. Ia comprar verduras para o almoço. Tive ferimentos nas costas, escoriações nos punhos, fratura da tíbia, na altura do joelho, e do nariz. Aferindo meu pulso femural, diagnostiquei precisamente hematomas e tontura corporais, devendo, de qualquer maneira, superar com urgência o caminho à redenção: atravessar a rua até o outro lado, do Hospital Nacional. Branco, altivo, altura e janelas frontais enormes, de imponente porta de entrada verde e alta cruz vermelha pintada da testa ao chão. Da cruz parecia pingar a cor. Era hospital infantil. Adentrei, logo preenchi folhudo questionário psico-social enquanto a recepcionista assistia à novela, antes de enfrentar a fila comprida, de fato bela jibóia, por onde percorri manco da extremidade do rabo à ponta da língua. Se a fratura na perna fosse exposta, aguardaria na fila mais tranqüilo, roçando a carne branca e pegajosa dos dedos nas serras cortantes de meus ossos. Tamanha era a cumplicidade e maquinação de mim forte e alimentada.

No domingo que fui internado era dia de visita. A filha viva que eu desprezava há vinte e cinco anos (delicie-se com o som, grafia, polidez e forma desta idade; perante a mesma, setenta e nove parece capricho de Napoleão, mentira ter chegado aqui), Joana ansiava por visitas, coitada. No primeiro dia de aula no primário, ela entrou cabisbaixa na salinha, bastante atenta, e, de súbito, sugeriu à professora que mandasse trocar todo o piso cinza e impessoal por outro mais amigável.

Como era frágil. Uma vez, ordenou-me comprar chinelos novos para o banho matutino, “de maior aderência”, então com sete anos. De novo, agora adolescente, pediu imperiosa que eu aproximasse a tomada da televisão, “evitando excesso de fio”, tendo se tornado instintivamente precavida após rolar, com três meses de idade, escadas do prédio abaixo. Perturbado com os rumos suspeitos da sociedade, a deixara escorregar dos meus braços fazendo de Joana tetraplégica. Portanto, não merecia ter setenta e nove anos. Insensível, internei-a no hospital que agora dividimos quando os problemas intestinais dela pioraram.

Insano de carinho, resolvi abraçá-la apertado e saí mancando pelos corredores do Hospital Nacional. Minha filha (via nos meus olhos barrentos nenhuma honradez), procurei confortar nos ombros, doando-lhe com fervor a queda memorável que tivera no asfalto. Sinceramente intencionado em redimir-me pelos maus tratos do passado, segurando-a firme pela cintura, fogo incessante me tomou a tez. Ela não deixou, não gritou, não mexeu, nada falou. Saí deixando a cama nojenta de esperma, sangue e urina de Joana.

Possuí o ato, amigos de bar. Morro sujeito, praticando o mal. Morro vivo, setenta e nove anos.

Revelações do óbvio

Centralizo o espírito, organizo idéias transfiguradas, definindo a realidade focalizo a vida; e assim transcrevo-as como me vêm: iluminado fogo selvagem desconhecido.

Revelações do óbvio

Magníficas revelações do óbvio. Estupendas. As mais lícitas visões desde milênios de inspiração literária. Naturalmente ríspidas, de baixo calão, surpreendentes ao ostentarem tamanha intimidade com a verdade, propõem o suicídio do sentido inocente agregado à sua oculta existência, dentro do processo paulatino de ressurreição da própria razão do mundo. Da qual trata com afinco, o óbvio. Até o nascer puro e ensangüentado, quase animal, e a descoberta de si mesmo por tudo.

Pergunto-me, ludibriado por ignorância e surpresa: por que rezamos afinal? Obviamente devido à incompetência resultante da interpretação do papel fundamental da vida: ser humano. Imploramos pelo perdão *in natura* porque sou, vós sois, tradicionais pecadores. Atender ao humilde pedido (não ordem) do que somos, atribuiria-nos responsabilidade insuportável de dignidade santa demais. E covardes, nos obrigamos a suplicar hoje e eternamente.

Amanhã o óbvio mundano vos surpreenderá outra vez – como permitimos que faça, impune, inconscientemente. Explico: a desonrosa submissão, perante as batalhas do cotidiano, sobrepõe-se à coragem de querer o bem-estar da própria raça dentre os males viventes contemporâneos. Urge a extirpação dos individualistas do planeta e de suas formas horrendas de reprodução.

A percepção tardia de nossa vulnerabilidade ao enfrentar sentimentos humanamente mesquinhos, escravocratas como a dor elaborada do ego, provoca-nos não mais do que sensação de calor. Que dissipa-se despudoradamente junto com a banal menção de seus efeitos pelo corpo: óbvio quente soltando a pele como líquido escaldante.

A seguir-se

Óbvio demais, senhores. Óbvio demais! Assim não dá pra ser: venho decifrando escritores consagrados, antecipando a cor daquele tapete de boas-vindas da Porta dos Séculos, antes deles chegarem à escolha, na imaginação transposta, do malfadado transporte condutor a tal destino. Ah, assim não, paro de ler bons autores, encontro outros... Machado, Stendhal, “não posso mais com vocês”. Retratam magistralmente casos acima da linha imaginativa, privando-me de conclusões lógicas infinitamente utópicas menos importantes. Inadmissível ao meu tato perceptivo sentimental altamente desenvolvido.

Entretanto, vem ódio, vem raiva! Por isso não consigo narrar um pivete-engraxate agindo, pois o que faltou? Quem já não sabe?

Desisto, sou obrigado porque fico tão sentido, impossibilitado de reproduzir. Comi do bom? Tive o melhor? Clássicos dispensei, não suporto mais. Dói, dói. Li vinte páginas transbordando sarcasmo e prepotência, falhas ao apresentarem delirantes cortinas vermelhas de mistério, acreditando ainda terem alcançado a solução!

Mas vomito tudo. Exceto aspirações de leitor, obviamente livres ao meu critério sujo ou elitizado.

Livro bom sem exageros detalhistas, falando de tamareiras e afins, é o do Sr. Paulo. Convenceu-me esse homem, devo dizer no quê? - nas tamarareiras de verdade, deu-me inclusive vontade de comê-las.

Por que eu, Sangue de Jesus Todo-Poderoso?

Gostaria de desejar-lhes algo, senhores. Não sei. Saúde é importantíssimo.

Peguei minha mente

Sabemos que nada é verdadeiramente real: vivemos presos às dúbias interpretações da existência. Algumas delas empurram-nos goela abaixo ininterruptamente. Quando prestes a surgir, após esburacado caminho percorrer, empoeirada estrada ultrapassar, ilumina-se naturalmente a realidade, cometemos o erro de encobri-la com o manto negro da visão humana. Mal percebemos, todavia, deturpamos o instinto. Desviamos-nos da gentil sobriedade pré-histórica como alérgicos crônicos, para manter íntegros o ego e a razão, os quais só posso definir como consumistas e pobres; a realidade torna-se instável ilusão, mau-caráter, falsa epopéia.

E se momentaneamente pudéssemos conter nossa interpretação viciada sobre pessoas, fatos e coisas? Aonde nos levaria ignorar em paz a gama de valores desviados assimilada diariamente, por nós, os juízes do mundo? Basta perguntar-me - foi o que acabou de me acontecer. Venci o egoísmo interpretativo ilusório.

Premiado pelo feito soberbo, assisti ao espetáculo da lenta perfuração, com furador de papel, da língua de cada ente estimado, colega de trabalho e relacionamento social meu. Assustados com a visão do sangue se esparramando pelo interior do furador, caíam noutra sonho: acreditavam terem errado por pouco a folha e martirizavam-se por isso. Buscando amenizar pesada culpa ou ambicionando colorir o erro, imaginavam outros conhecidos cometendo mesmo engano: em vez do papel, furar a própria língua. Regozijavam-se com a possibilidade.

Alimento da realidade, eleva-se a dor.

Sabem do quê, corram! Segurem-me... e vou

Eu jamais saberia, jamais, não sendo alvo de abrupto despertar, creio eu, atraído por algo que desejou e realizou intenção própria. Alguém sorrateiro, rápido, maroto.

Estava dormindo num sonho de vida real, eu estava. Idealizando o bem, romantizando eterna angústia e indecisão piscianas, ansiava também estar ao lado Dela (corro atrás deste improvável imprevisto!).

Acordei da vida e caí a escrever. Acreditei tê-La vencido e fui forçado, rendido, à idéia de não tentar insistentemente.

Cara-a-cara com Ela, se quiser, emito palavras capazes de ruborizar nossos seios da face de pudor. É preciso estar cara-a-cara, estranho, não? Prefiro dizer cara-a-cara depois correr, correr e amar ao perceber um achatamento de sobrancelhas ou brilho nos olhos, seriedade aguçada na boca expressando raiva, envergonhar-me enfim ao constatar que ofendi a Entidade humana.

Falsifico desígnios de curiosidade vital, Senhor, minhas necessidades. Certas vezes controlo-A, desenvolvo olhares intuitivos, certos, observo mudanças de humor resultantes do aumento de temperatura, acompanho o deslize por trás da orelha de uma gota fervente de suor, capto narizes espasmódicos, coriza nas mãos, respirar mais profundo, desolação... Outras prendo-me à atual amostra de conhecimento de mim personificada.

Enraivecida com a morte da cadela de estimação, Ela levantou contra mim a acusação de privá-la da atenção devida enquanto viva. A pergunta é por quê? Exatamente esta. Carinho ao bicho e não a gente? Por que cheiro repugnante de cachorros? Onde está a cadela? Retrocedo à infância quando desejo dizer o porquê ardentemente.

Exerço algo neste mundo? Eu, eu, eu, consigo dizer eu. Tudo que faço, quase realizo, digo que eu. - - -...

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8... 748. *Flood...* Prima,... *Biscuit*.

Quero pedir-Lhe Piedade! Sou simples, de pés juntos, pura essência de hidrogênio. A vida já levou embora amizades que me abandonaram sem olhar para trás, alegando serem incapazes de responder-me à altura das perguntas formuladas. Rascante assim como o vinho. Como gritar com voz rouca de sono: acordei da realidade!

No sonho eu ficava tentando abrir a boca. A cada tentativa deslocava os maxilares. Tinha a sensação de que o inferior ia do Rio de Janeiro ao Mato Grosso do Sul, na volta reencaixava-se

destroçando os dentes da arcada superior, com dor horrível. Dentes de leite engolia doce, não abriam, soltavam aos montes, perdiam-se na boca que de carne nem se mexe. Colados por espécie de melado marrom de folha de outono norte-americana, arrancados, o sonho os empurrava esôfago abaixo. Assistindo a flashes de luz nas ventas, rangia-os numa direção fixa até caírem como prédios demolidos vagarosamente, sem intervalos tombarem lado a lado envoltos à poeira. Trincados por dentes traidores desobedientes, derrubavam-se uns aos outros; tentava interromper as investidas, boca para cima, ao Atlântico, mas não ia. Seguiam apenas um comando, rumo ao interior estomacal do país.

O melado de milho grudento solidificou-se certa ocasião, casando-se com a gengiva. Espectros de sonho sofrido e misterioso me informam que dente indica morte. Provavelmente ranjo caninos dormindo de dor e engulo molares obedecendo à boca involuntária. Minha boca egípcia que consome ferozmente melado, porém desdenha o conterrâneo, profana e prega contra santidades. Mortal. Delicia-se com o de milho, lhe proporcionando sonhos... ah, choro.

Devo delirar numa conversa íntima com A gentil que me gosta. Ando arrumado na volta para casa esperando encontrá-La pela vida afora. Olhando ao redor do sonho que desprezo, busco pela amiga de uma vida não vivida. Por acaso também não entendo, apesar de bem vestido. Acordei dentro da agonia da prisão desprezada, saído do pesadelo irreal, e lembrei-me de outro trauma que inicia e termina na noite.

Prefiro falar cara-a-cara de vez em quando. Prefiro? Imaginei-me bonito para falar-Lhe, no entanto, eu, eu, eu...? Devaneei inclusive com a pretensão do feito, arrumei-me todo para interagir, aí já há abominável existência de verme cuja mediocridade no fim vai se esticando até conseguir dizer “eu”. Embora tenha acordado desta ilusão, permaneci na primeira (aqui escrita) e sempre sou sincero. E eu...

Ainda durmo; pegou o que passou?

Considerava-me seguro para o diálogo, todavia, minha boca nem se mexeu.

Como sou? Há tempos que meu coração ignora nobres atos humanos, chacinas, reflorestamentos, participações diretas em partos; emociona-me o quê, de tão simples, não abandona nunca a possibilidade de concretização, latente nas ondas mentais, as quais, sem dúvida, alcançam sentimentos. Quando ri pela última vez de piada contada com perfeitos início, meio e fim? A partir da metade deixo de ouvir a narração, rio sim da deformação da piada, perdendo-se na superfície pegajosa de sofismas empregados, fatalmente seguida de final imaginativo único: o

desespero, punição e morte das gerações futuras do protagonista e quem sabe do narrador. Tudo muito engraçado, hilário, igualmente o que omiti.

Inseguro e amedrontado, a última vez que mencionei apreciar outro ser, capaz de falar, as malhas do tempo encarregaram-se de encobrir. Pronto, desabafei que guardo um bem perolado - hoje cedo admirei a estrela D'alva acompanhada pelo sol subindo paralelamente atrás do morro. De matéria única, desligada de si no seu resto, tornou-se propriedade luminosa.

Pedi dezoito anos por ajuda e três pelo perdão da fraqueza.

Quem acredita que possa, tente. Pretendo esquecer vinte e um anos. Este desabafo sem jeito prova. Certamente pensaste que desprezo a vida, engano-o inocentemente.

Vá porque não me deixarás por dentro, pus-Te lá perto quase, no papel. Além disso, não sofri nada na vida, opção pessoal. “Sendo o ócio pungente opcional, você é a pessoa mais burra do mundo”, direcionei “pessoa” ao feminino indefinido.

Como pude sonhar com esperança de vida, ou de morte, vivenciando situações impossíveis infundadas? Do despertar cair num choque? Que vem após sonho de sobrevivência, provavelmente prestes a se concretizar, já salvo, mas acordando dentro do purgatório real sem emoção? Livrar-me-ia das garras da morte e descobri ter abraçado a maciez de suas patas? Sendo a salvação estático sonho baseado em sofrível fantasia de verme, que queda! Parece história de amor, tipo poemeto adolescente, acabando de desistir de compor um.

Qual a vantagem de se declarar à distância amores invisíveis, cantados ao futuro? Nem ao menos ligeiro vazio apaixonado, rodeado por árvores verdes e sol de cinco horas, se obtém entre as pernas.

Escrevo desta maneira evitando o objeto, Ela; interrompo-me no fundo do contexto e divago um minuto sobre nós.

Você, leitor, pode ouvir minha voz? A emprestada aos diálogos dos livros de palavras vivas, onde cada personagem dispõe de dicção detalhadamente desenvolvida pelo autor, fala incrementada pela felicidade de ser que escondemos de nós e extravasamos na leitura?

Venho falando “eu”, às ocultas ilustrando como ajo. Escrever, sonhar e pensar fluem estranhamente, de modo picado, intenso e diário, de forma subjetiva incrível, sem raciocínio ou cálculo, só para mim, vindo a mim, em mim e de mim, pensante.

Cada página escrita forma disperso diário, fantasiado em pedaços de suposições rápidas como raios. Trabalhos ingênuos, indiferentes, desprovidos de ambição, curtos e mais ou menos de tamanho igual, espantosamente. Sinais.

Travessuras, somente uma a mais, do Senhor para comigo; escrevo e sacio-me - movido por excesso de abstinência sensual provocante, pois verbo certo seria “alivio-me” – inexplicavelmente através de pequena quantidade de palavras. Inverossimilhanças desprezadas (palavras sobre planos materiais podem ser alteradas), a superação delas sob o abstrato brinda-me à vida. Embora costume acrescentar dúvidas, conflitos e incertezas, visto que este estilo de domar palavras é realmente agitado e impaciente.

Sinto falta do resto além da forma ansiosa me querendo pra ela apressadamente. Poderia ser e fazer quaisquer coisas! Então não guardo inveja; tenho consciência. Senhor, faço hoje algo inconscientemente? Duvido! Duvido! Não obstante a insistência do meu Bem a fim de que eu a siga, atravesso estado de extrema lástima exclusivo a Nós, recebendo demais perdas impróprias e acumulando sentidos, todos eles. Faço algo? Eu me canso. De mim, de Ti.

Sou muito meu porque paro se desejo. Mantive-me, por exemplo, controlado quando corri do estilo neste parágrafo. Talvez me redima aplicando a particularidade fundamental da vergonha superficial, acompanhante do destino e da Literatura: orgulhosamente apagar os erros.

Chegando ao fundo

Como passam despercebidas as letras de palavras consideradas belas. Despreza-se a individualidade nua e crua no contexto padronizado do ideal, tanto quanto a sociedade ignora as qualidades do indivíduo e um exército requer unidade de comportamentos. Como tem muita coisa boa que deixo de contar aqui no papel, por ser homem e supervalorizar a sedutora tragédia insurgente por trás da beleza dos atos.

Ocorre o contrário no cotidiano feminino. Mulheres extrovertidas procuram maquiar-se cada vez mais rubro, buscando destaque e reconhecimento do pequeno diabo-vermelho, flutuando e sorrindo, do lado direito mental - conflituoso, incapaz de encontrar-se.

“Meu diário,...”, escrevo meio que implorando: “acolha-me”. Receba: “...agradeço-lhe profundamente o momento que suporto na vida. Há alguns meses, graças a qual milagre desconhecido, venho sendo amparado. Vivia extremamente de mim, previsto pelo dia, hora e mês que nasci. Profetizado pelo ano de 1982. Embriagando-me de tristeza desde então, sendo eu constantemente, como a cevada acompanha a cerveja há milhares de anos. Como a sede de alegria proporciona dor. E para repudiar a guerra, basta avistar mutilado sob escombros de casa bombardeada um bebê de meses.

Inúmeras comparações à vista de ângulos de complexidades distintas, consubstanciadas, presentes exclusivamente na ótica das ações, contudo, como explicar-me a mim mesmo poderia? Quando me acometem acentuadíssimas sensibilidade e humanidade e apresento características que testadas confirmam: ao sofrimento, basta percorrer-nos terminações nervosas como águas-vivas e lulas, tantas terminações quanto letras 's' na pronúncia aristocrática de 'girassóis'. Tanto plágio e patenteações...

Este momento (e não é meu casamento) é único na vida!... Sinto, já passará.

Repito, o próprio mal me ampara, Senhor, e eu me encontro nele: ai, resfrio, acudo e abafo-me no meu mal. Que Osíris me tenha; o bom negócio, quase deixando de contar, é que estou prestes a partir pra melhor pelas mãos do louco clima ibérico de Vila Velha. Nos últimos oito meses ele me fez bem, ontem adoeci mortalmente. Caíram meus cabelos – recomendo quimioterapia, censuro o aborto, a eutanásia, recuso herança zodiacal.

Eu não queria, juro!

Bem, sou curioso demais.

Agüentando-me de pé, impeço-me de andar ereto. Da força que produzo diariamente, oitenta e sete por cento dela gasto confirmando projeções do horóscopo. Ou seja, dê-me mais ininterruptamente negro diesel.

Quem me dera estar falando sobre drogas! Do quê falo? Das mínimas escolhas. Caminhos sem placa de entrada nem iluminação; agonizante percorrê-los através das novas infecções, alergias e cicatrizes recém-descobertas no peito e na sola dos pés. Ah, graças, meu mal me ampara! Se tonteio na estrada, estico o braço à direita e se materializa tronco velho acinzentado-marrom escorando-me. Respiro ofegante e meus olhos direcionam-se ao chão, entregues por fim ao cansaço da viagem. Envolvido por troncos secos de galhos improdutivos, vejo luz do sol amena distante na verde paisagem planáltica. Luz mármore fosca me toma a atenção em meio à penumbra e à escuridão. Luz das trevas no ápice da agonia levanta-me a cabeça, suspende meu olhar. Meu mal me ampara e antes que recuperado, cheio de energia, eu dê a correr pelo caminho, acorrenta-se a mim grudento e familiar: feminino, como gosto. Puxa-me pelo braço, permanecendo meu mal e eu friamente unidos.

Surpreende-me tão penoso tratamento ainda não ter destruído minha vida. Penso seriamente em interrompê-lo. No entanto, seria abandonar o sustento em condições subumanas, abruptamente divorciar-me do meu mal, desistir da curiosa observação parasita que me rói desde as solas. Estaria descartando meu mal se interrompesse o tratamento que me administra a vida. Morrer é o quê? Que função desempenharia no jogo da existência sem o mal e o bem ditando as regras casuais de comportamento? Qual perigoso meliante me tornaria ajudando o cego da esquina atravessar metade da rua, largando-o sozinho no cruzamento? Lembro-me de brincadeira pueril, cujo nome define com maestria os estados possíveis do bom senso social: vivo ou morto.

Paro as injeções medicinais; expiro se simultaneamente extirpo o câncer? Por fim, quem me matará? Morro de mim pois meu corpo ignora a água, o vinho, o dia e a noite (prefiro as dezoito horas). Espetado no fundo do buraco entre o abrigo de galhos virgens e troncos magros escamosos, e a miragem da luz de mármore no horizonte grafite realçado. Prezo pela defesa desta luz piedosa, apesar de audaz e interesseira.

Finalmente afirmo: a luz do inferno - porta de entrada para lembranças da infância ratificantes hoje das causas, esquecidas, que consolidam minha “chegada temerosa à vida adulta” - diariamente murmurava, despercebida por mim e meus pais, qual futuro me aguardava. Luz falsa, esparsa no fim do caminho, não é luz-palavra. Sim meu mal, patos na lagoa, nascer casado

com pôr do sol, amante da lua cheia, aceno esperançoso de bebê na janela do ônibus, canto dos pássaros, rocha no meio da floresta, sístole e diástole da humanidade inteira que guardo na palma da mão. A luz, devassa, me traz o coração do mundo à boca. O arrepio dos pêlos ao ouvir estimada canção. Salvadora e perniciososa, desgastava-me antes de descoberta; após, levou-me ao encontro, ainda jovem, com a luminosidade individual das letras, oculta pela beleza egoísta da palavra toda escrita em letras bonitas. As letras nunca recebem atenção devida, vê-se a palavra. Ainda, prevejo o falecimento dela por falta de reconhecimento da autonomia das letras. Constatado enfim ter me expressado satisfatoriamente, independente de compreensão generalizada.

Ledo engano o julgamento da índole de alguém pela aparência aprazível. Aproveite a oportunidade de estalar malicioso beijo no rosto belo, chegue bem perto dele. Reconheça os pequenos atributos lhe constituindo honrosas formas e capacidades, caso possua, claro.

Insisto na caminhada ou rechaço a segurança do presente? Pior, só o texto pode decidir - se fosse uma escolha não teria chegado ao fundo. Se um dia se extinguisse a luz, não teria nascido às dezoito horas e quarenta minutos do dia oito de março de 1982”.

Lembra-me meu diário, enquanto escrevo, dos cacos de vidro. Sem eles não teria joelhos. E me aconselha: troque as palavras, pegue uma letra para si e declare-se sempre.

Faces e expressões – de unhas!

Minhas unhas acordam. Comecei a pensar e compreendi: elas também representam. Após a leitura de *Água Viva*, portanto, com originalidade e sensibilidade restabelecidas, deparei-me com a ressurreição de minhas unhas sacanas. Por longo tempo de infância divertira-me com elas: dispunha de propensão, ou ócio, a analisar seja lá o que fosse em mim: formas, pintas, novos pêlos principalmente. Tempo obscuro, oculto na linha do abdômen por uma era de experiências inadvertidas com o pior defeito do homem e os efeitos maléficos advindos da manipulação desenfreada do vício.

Vários outros histebríficos me passaram pelo tórax e alojaram-se no homem que tornei-me, digo melhor, abdômen, me habitando como sanguessugas, inclusive podendo exteriorizarem-se.

Inspiro-me ao verificar qualquer mancha no meu corpo esquecida há tempos. Guardada nas costas, em locais bastante escondidos pelas roupas constantes; apesar de ter as unhas no abdômen. Recordar-me delas foi do tipo de alegria sentida quando voltamos ao tempo de criança e nos sentamos na cadeira da montanha-russa? Como o agrado da faca bem usada na carne de fazendeiro glutão, que espancara antes a esposa comendo pipoca aos goles de óleo de porco? Talvez... óleo de baleia, de peroba. Não, dificilmente.

Seja quem preferir, menos alguém que jamais tenha oferecido resistência para não ser.

Adultos são tão engraçados quanto a intensa satisfação de bebês que acabaram de aprender a fazer coisas simples, como abrir a porta da estante e em seguida olhar inocentemente para o público exibindo sorriso esperto, aguardando palmas. Um mendigo faminto, se recebe metade de uma pêra velha e gelada, surpreso admira a fruta com olhar fixo; como bebê peralta degusta o pecado nos dobrando com puro sorriso. Antiga mistificação demoníaca do prazer...

curioso, desprovidos de semelhança, como expressões humanas e unhas, os casos compararam-se.

Big-Bang

Exatamente disponho de pouquíssimos quinze minutos cheios para falar sobre o desfazer de um sorriso. Tempo insuficiente se confirmado o boato que acaba de chegar aos meus ouvidos; divulga este último:

- Todas as luzes do lugar que possibilitam a escrita serão apagadas.

Dentre milhares de pontos de vista e linhas de visada fixas no horizonte, pseudo-objetivas, referentes à clara afronta pessoal pública, cito única vertente otimista – o breu não tomará conta em peso e forma do ambiente inteiro, mas poucas luzes de modestas salas de estudo serão apagadas. Acompanham-me, porém, neste âmbito, regras e ordens que proíbem colocar o caderno no colo e escrever em outros locais, como a varanda ou o banheiro, ditos “impróprios para banais atividades”, reprovados no estúpido crivo leigo dominante. Sendo assim ficarei na escuridão, como previsto - cego, nenhum caminho ou opção de diversão ou vivência avisto: lutarei no escuro de normas e deveres impostos, mais deveres e ordens cerceando a prática ingênua de ser conforme vontade pessoal...

Tenho o desfazer do sorriso (abandonado, insistindo em aplacar provável escuridão de sentidos) somado à necessidade de comunicação solitária. Descubro que a obrigação é ineficaz porque choro, confundido com sono lacrimoso, vinte e quatro horas por dia. Todavia, é choro bom e real, parte da função humana.

Que mais tenho de proveitoso além de lágrimas puras? Arrepios ariscos ao som da música que aprecio, aos enlevos sensoriais da boa música, arrepios que me enobrecem o orgulho e massageiam beneficentemente meu ego. Sou do tipo que se submete à satisfação moral, vista como volúpia orgulhosa, despertada sob frio ártico cortante. Sou eu. Tanto que admito cortar-me nas lâminas gélidas, tanto que simulo esfaquear-me ao léu com lascas afiadas de gelo - por qual razão quero falar de amor nessas horas?

Resta-me o tempo tenso de um boato pungente que parece dissipar-se vagarosamente. Demora, sabem-no, principalmente frente a boatos profanos, até nossas mentes assimilarem a paz.

Restrito dentro da popularidade das palavras e intimidado pelo coloquial, gostaria de exclusivamente falar na segunda pessoa do singular. Compreenderás sem leares ao pé-da-letra.

Ignorando sanguinária dificuldade de dizê-lo e assumi-lo intimamente, qual temor que nutro classificaria como complexo? Prove-me urgentemente que sou abatido por razões complicadas, tenho pavor da imbecilidade! Bem como trago a duração de um boato, expandindo

a probabilidade de incapacitar minha crítica à estupidez artificial humana, logo agora que tenho sorrisos desfazendo-se... na perpetuação de boatos?

Antes de mais nada, a razão do riso se deve à diferença de condicionamento físico verificada entre mim e outro rapaz pouco conhecido, durante o exercício diário matinal. Fortaleci nesta manhã músculos do abdômen que sustentam melhor agora minha coluna, entretanto, no passado refutara dolorosamente a saúde da aparência baseada no aprimoramento muscular. Ri em contradição. Em vez de Mário Lima Jr., ele era de uma fraqueza física aguda; não que isto separasse-nos longinquamente – que fique explícito que o sorriso fora de admiração pela suscetibilidade alheia comparada à impossibilidade de eu manter sólidas convicções. Repilo o termo “escárnio autodefensivo” ao me justificar: ri de e para mim espichado no alto do beliche, vestindo sunga apertada e arrepiando-me curtindo o frio do roupão azul aberto. Os azuis são naturalmente mais frios que os vermelhos.

Sorrindo, sem deboche, motivado pela comicidade do bicho que se esforça para levantar vôo batendo escamas e barbatanas. Meu delicioso sorriso não merece ser acusado de nada. Menos então esta história aonde quero chegar do Universo sugado inteiro por um sorriso que se desfaz. Por hora tenho a constância do boato miserável que surrupiou minha fé e, baderneiro insatisfeito, pôs-me em desordem. Afligi-me como pássaro faminto recém-nascido, impaciente e ignorante quanto à previsível maravilha de ser alimentado pela mãe ainda na casca do ovo; assustado e incapaz de se abster do ninho. “Calma”.

Falando do Universo - e não me passem a mão pela cabeça nem me afaguem num abraço, muito menos me chamem “criança”, antes não me voltem olhos sorridentes: - o cosmo é eu. Experimentei em outras terras vossa discriminação discreta, bem-vinda a qualquer hora, quanto à minha composição astral. Sentimento idêntico ao amor bajulador de mãe que subestima a prole, tão pejorativo quanto a vida e você.

Voluntariamente diferenciar-se das demais atuações humanas, como vítima e alvo do desprezo unânime, transforma a existência numa agourada ficção: anda-se infeliz sobre as águas inóspitas do mar, voa-se às cegas através de nuvens negras e frias, sendo filho deseja-se calor da mãe que de cara emburrada afasta a cria.

Antes falo sobre ele... agora tenho o Universo. Tivera o desfazer do sorriso no tempo de vida dum boato e finalmente adquiri o infinito sobrepondo-o sobre o tempo terrestre (há tempo no espaço?). Ambos, incorporados, uniram-se a mim: o cosmo, a cada dia descoberto maior por

infantilidade eterna – ingenuidade vergonhosa? - e meu sorriso que se esvai. “Se esvai” com sotaque capixaba - ressurgente novamente a vontade do amor suprimida no suco do Espírito Santo, pressuposto mais recatado que o Rio de Janeiro, ainda que habitat tradicional de beldades iluminadas, mantenedoras de estupendo padrão de beleza e perfume estonteante de feminilidade. Atributos que saciam fetiche malandro por juventude e ocupam a vastidão de um coração pisciano.

A magnitude da tristeza que me abate, ao presenciar a extinção de sorriso rotineiro, provém do mesmo ter sido provocado simultaneamente pelo perdão maravilhoso do humor, ofertado às excentricidades desastrosas do comportamento, misturado a muita, muita fatalidade. Sorrisos engraçados que se vão e foram me fazem lacrimejar de sono por bilhões de anos-luz - luz, artefato celeste valioso para escritores crucificados, torna agradável o isolamento do trabalho mortificante mas não o encurta.

Outra vez a vontade de dizer “amor”. Me ame – posso escrever sem previsão da forma como repercutirá, mas nem assim me agrada reconhecer inclinações amorosas.

No sorriso que se desfaz aborta-se o Universo deformado que encabulado se esquiva da gargalhada generalizada. Sorriso querido super-motivado, amolecido, vira buraco negro da sorte (engole-nos faminta a luz salvadora). Sorriso amaldiçoado profundamente me joga prostrado aos pés do papel, estica o tempo do boato ainda acreditado.

No momento a luz dos astros é abundante aqui, contudo, a presença de gente é escassa. Aparando as artificialidades, todos somem.

Vim ao mundo abrigado na escuridão da caverna número oito (a qual reluto abandonar), única inundada anualmente até o teto por águas pluviais que possibilitam a sobrevivência nela de peixes de escamas cintilantes, coloridíssimos, desprovidos de olhos e doidos, não reparando quem deles caçoa. Oh, gargalhadas zombeteiras que não se acabam.

Faz dezenove anos que a extensão do Universo se absteve de fornecer esconderijos práticos contra a sombra onipresente da alma, e nem há curas reconhecidas para manchas negras na testa que ela inflige. A não ser a presença da luz vulnerável a qualquer boato que habita galáxias inexploradas.

Verdadeiros escritores rejeitam o controle absurdo da inspiração e são vítimas das palavras que libertam suas confissões mais secretas. Se dá num repentino e prazeroso impulso

pungente, alheio ao meu e ao teu sorriso gracioso que sendo justos não deveriam desfazer-se. E lá vem a intenção de amar.

Sem dúvida meu tempo agora acaba e meu sorriso desfeito se petrifica. O amor me encheu, disse tudo. Tenho muito pouco tempo, aliás. Para estender a luz e continuar a escrita, me veria obrigado a executar ação nervosa e insensata contra as diversas normas e regras daqui. Valeria a pena caso sorrir corresse então o risco de se repetir.

Salvação dos tímidos

O mundo não gira, esqueçam. Nada muda quanto ao “bom” senso unânime sobre quem se transforma sem interferência de auto-ajudas, apoio materno etc., num movimento íntimo longe de libertar-se prematuro. E girar em torno de vocês seria absurda pretensão. O temor social e a retração comportamental perduram, asseguro-lhes. É até óbvio que a excentricidade popular, enfim, a desordem pessoal nos olhos de outrem enoje vosso ego, alarmado pela seqüência de desorganizações na distribuição de funções ao homem e de fisionomias infinitas; porém, há algumas horas descobri que jamais foi dada garantia fatigada e desonrada de que vos percebem na vossa recolhida reflexão pessimista (por verem a exclusão predestinada a vós na displicência do mesmo olhar).

Vocês gostariam de esclarecer tantas coisas, enumerem-nas. Meu desejo atual (será que por isso é único?), é comprovar se estou aprendendo as coisas cedo ou tarde. Se nesta idade todos já se cansavam de saber o que descubro. Cada um aprender no próprio tempo é teoria superficialmente descartável para lerdos assim como eu... tão atrasados. Uma tabela ilustrada com idades e seus respectivos aprendizados num determinado período satisfaria materialmente minha vontade.

Há um caminho e sem volta e ao contrário do que pensam, (...)! ah!, quem sabe se vem a ser o mais fácil. O menos penoso jamais foi senão provavelmente eu não estaria aqui, nem você: escrevendo e lendo, masturbando-se com o escrito e ajeitando palavras no papel enquanto lê.

Lugares lotados fazem um mal tremendo, advirto-lhes! Viver em público traz o desaparecimento dos fatores que enobrecem no isolamento do corpo mas na liberdade dos sentidos, sem receptores pensantes, sob a implacável sabedoria do gênio. (“Perdão”), a nascente desta escola te esfrega na cara que és humano! Você tenta agir como o garoto serelepe que viaja sem preocupação na proa da barca, de costas para o mar, contra o vento (sim, costas vestidas, ó Brandura), a cabeça inclinada pra baixo mais perto do porto que o resto do corpo, segurando-se pela cintura numa fina corrente; entretanto, você acaba sendo um velho senhor pela primeira vez no Rio de Janeiro, bota a cabeça pra fora da janela do táxi, a cara e o coração sustentas como ameixas estragadas, por fim perde a visão deslumbrante do navio-escola da Marinha passando... parado.

Lá vem enxurrada mental de motoristas de táxi que dirigem bêbados e velocíssimos e se for herança dos flashes sobre Nova York que vi nalguns filmes, faça o que quiser com seus piores xingamentos e palavrões, “mos-dê”. Aprendi esta saciável conjugação em livro de escritor realista, depois o joguei fora, talvez esteja incorreta e resolvi descobrir se posso reinventar sentidos novos para palavras há séculos nascidas.

“A quem agradeço, Pai?

Meus amigos, amanhã eu não odiarei tanto o que escrevi até aqui e bisonha ressaca de realização me abaterá; exaltar-me-ei pois não busquei satisfação conscientemente. Porém, alegre, gostaria de esclarecer a origem da alegria quando a razão já conheço”.

Frescor

Interromper o recebimento de carícias afetivas recém-iniciadas, vindas de algum parente ou conhecido, selando o ato por intermédio de beijo seco e rápido na face ofendida de quem se encoraja a expor sua ternura, prova que o receptor rebelde não se pertence mais. Gostamos universalmente de carinho e de algum jeito irresponsável fugimos de demonstrações de humanidade não programadas. O fiel apaixonado, se humilhado, foge à regra da ofensa: entorpecido de desejo amoroso, invariavelmente se sujeita aos atos obscuros, ariscos, hipersensíveis, do objeto do amor.

Eu não deveria contar antes que aconteça; ocorrerá aqui: a fuga. Na forma mais sutil da minha personalidade, o susto assustando-se, amar – fugir amando.

Em qualquer interação entre duas pessoas sempre haverá uma sem graça à conclusão da troca! Mesmo num acerto displicente entre sócios minoritários:

- Tudo bem, está de pé, amanhã executamos - há a presença do aproveitador que mais benefícios verá e o escárnio lhe cresce por dentro.

Num adeus provisório entre marido e mulher:

- Bom trabalho, amor, Deus te acompanhe - digam-me, qual tez não enrubesce com excesso de conforto morno?

Bom, resisti à calamidade da fuga e escrevi satisfatoriamente. Bom também viver inserido na história em quadrinhos que se parece a vida. Sou o único gentil nela, excepcional, me limitando a ser boca porque a boca identifica quem é humano de verdade. Os sentimentos e a identidade pessoal fluem da cabeça e se focalizam aonde: na boca.

É bastante gente diferente - sofro o apelo de viver em coletividade. Não que me faça penar de morte a cultura de massa, contudo, imantado atraio a dúbia liberdade de ignorar se futuramente serei julgado bondoso dentro do rebanho.

Atravessa-me a indagação perniciosa que lança a unanimidade, firmemente ambígua, contra a lucidez de ações que desfruto, me acusa a própria pergunta, salve: quem somos nós?

Palavra

Vivemos imersos na ignorância que transcende rótulos mortais tendo como núcleo o sangue. Desprezamos esta putrefata condição menos que podemos apaziguar nossos anseios por conforto espiritual, nesta constantemente auto-reprodutora, auto-reprodutora e mais nada, existência errônea. E somos parentes distantes, opostos, equivocados entre nós mesmos!

Vivemos...

Que viver...

Sou despertado do sono pela respiração que se esconde na inocência metida do piso de ardósia negra do meu quarto e de qualquer piso. Habita nela tênue linha de discórdia que incita a frágil ligação entre dois verdadeiros neurônios humanos; a formação do sensível filete elétrico sente-se ameaçada e não o sentido, sente?

A palavra onisciente se diz, se diz. O mundo foi criado pela cores, miraculosamente a palavra não. Ela se origina da natureza da ciência de aprender a andar de bicicleta e jamais esquecer como se faz.

A ignorância resulta da restrição do eco da palavra – eu, fazendo-me sua maior prova de divindade, me vejo como propagador imaculado. Macula? Aqui entender não suja, entende-se sinceramente com a criação sonora.

Um cão adestrado sabe a força da palavra, nós o devemos.

Palavra confunde-se até com construção imobiliária. Tanto que foi dito “Vivemos imersos na ignorância que transcende rótulos mortais tendo como núcleo o sangue”, quando a palavra se manifestou na minha frente, no meu coração, na resistência da vida, não importa. O que merece ser lembrado são os leves zumbidos de vaga-lumes fonético-respiratórios me despertando! No universo da palavra, vaga-lume zumbe.

E a palavra se autodenotou: Palavra! Assim se batizou abençoada por anjo fêmea que existiu na Terra e me amou, no sentido da Palavra.

Paixão racional

Afrodite desceu à Terra, visitou-me nesta noite úmida recém-despertada e voluntariamente apaixonei-me com graça. Jaz em desespero, na turbulência entorpecente de minha consciência sonolenta, o perfume de personalidade grosseiramente feminina cultivada no coração.

Ao convidar-me para sair da tranqüilidade do quarto por aventuras jovens boêmias, transpareceu audaz delicadeza e macabro desejo pelo controle de nossa relação iniciante. Encantava-me o tempo inteiro ao seu lado a perfeita harmonia entre longos, suaves e profundos fios de cabelo dourados, numericamente superiores aos ruivos, e a negritude de seus olhos. Representantes, cabelos e olhos, de provável convivência pacífica entre o labor diário requerido pela vida, o qual Afrodite enfrenta com coragem, e a plenitude do homem e da mulher como íntegros seres humanos.

A mais sedutora das feminilidades. O algodão, ainda que gentil e suave doce infantil, superaria em rusticidade sua pele atraente, mista de rosada e branca, lisa como a do boto.

Travamos sangrentas batalhas dialogais perambulando pelas ruas, tendo as estrelas como júri. Quanto prazer tive em nossas conversas... Discordávamos veementemente quando a chuva caiu, enquanto de alguma forma amigável estimulávamos o raciocínio e argumentos do desafiante. Desconheço o porquê de não recordar-me de uma única palavra que trocamos – sinto-me de mente bloqueada pelo poder de alguém.

Lembro-me, felizmente, do jeito que Afrodite inclinava a cabeça em trinta graus à direita ao falar-me, seus lindos cabelos despendiam mechas sedosas dos ombros, de tão compridos. A cada conclusão da palavra, ela cerrava os lábios num sorriso indiscreto... Durante minhas falas, esbanjava pesada inocência, o brilho divino dos olhos negros transpassava-me alma afora, causando instantâneo arrependimento ao meu íntimo altivo, ganancioso, diante de duas pérolas vivas.

Então quase no fim da noite, já secos e de volta ao lar, lhe ofereci uma bebida azul-diurno-do-céu geladíssima. Retrucou:

- Quer me embriagar ou me considera contida demais?

Geralmente as mulheres não nos deixam alternativa quando anseiam pela certeza do que afirmam – Afrodite, por sua vez, desestimula a concepção de resposta considerável, considerando todas de nível impuro e chulo, como “último grunhido defensivo de porcos machos pela

existência antes do abate”. Por isso evitava respondê-la diretamente (não despercebido), contudo, aguçava sua curiosidade com audaciosos desafios e dúvidas improváveis, em demasia apreciados pelas mulheres:

- Tens o absinto extraído da matéria-prima de sua nobre saliva, jamais ousaria deturpar a própria condenada e rara fonte do torpor. Enerva a mente masculina a mínima respiração dos teus poros, é vinícola o teu sangue.

O amor puro comete erros? Certamente, e do erro fatal jamais esquecemos. Até este momento não fora estúpido o suficiente para tentar enganá-la, gozava confortavelmente da disparidade entre nossos interesses terrenos e celestes: Afrodite, amante incondicional, era nada menos que meu magnífico adorno à razão da paixão (como cúmplice passional, eu almejava o néctar da discordância provocante). Uma vez egoísta ao extremo, decidi confrontar a deusa na luta pela intimidade bruta, zelando pelo desejo carnal da beleza. Pereci caído na constatação de que o amor mata, sendo que a razão se entrega sob termos repugnantes.

Trechos de obviedades reunidas

Deixamos de ser jovens quando a morte chega? Posso afirmar ao menos que para não temer a morte basta considerá-la de surpresa: feio é o pós-morte do corpo cujo sangue se esvaiu. O sangue que sai da gente sabe quando estamos à beira do fim: fica mais feio. Feio de protesto – sangue é sangue; e nutre. É multicolor de vermelho: vermelho antes e depois da morte quando é vermelho coagulado cor de gelatina e textura de flan. Que não pareça vil eu banalizar o sangue nutriente que faz “boca-a-boca”, porque no beijo há troca de sangue invisível; contudo, beijo bem saboreado é o que dói e sangra depois. Invisível sim, há litros em nós, mas só vemos a melanina em si. É bonito ver o sangue na palma da mão, por dentro e por fora. Sangue deve ser servido numa bandeja de prata produzida com os componentes do sangue. Meu sangue. Do sangue. Venha sangue: cõa sangue.

Imaginei-me sentado ali, de frente para o mundo atrás do silencioso portal de cristal líquido. Assim encarei a carteira desocupada, trono solitário da esperança renovadora, experimento científico do tubo de ensaio intelectual vindo do espaço. Ávida pelo conhecimento transbordante do peso do meu corpo sobre ela, seduziu-me a carente visão da carteira. Mais ou menos sete passos adiante, puxei-a e sentei-me. Abri primeiro o livro, no entanto, cinco minutos depois, levantei os olhos e assustei-me com árvores no gramado lá fora correndo desesperadamente do que eu buscava na leitura. Como corriam. Como nos sonhos que mais corremos na vida sem sair do lugar onde estamos; balançamos os ombros e o tronco bruscamente, debatendo-nos como folhas nos galhos visando cair no vento – e nos sujeitamos à agonia da incapacidade. Aquela mesma, que mata, provoca ódio, infundada, sorrateira. Agonia da incapacidade que cega pelo desconhecimento da origem da impossibilidade de agir. O desespero da ignorância ceifa bilhões de almas na modernidade: de filosofia fraca dotaram o homem. Dilacerante filosofia das falsas bases do comportamento instintivo, tornando o ser puramente coercitivo.

O que vejo é realmente mágico. Além das desprezíveis caras malévolas no tecido riscado da toalha de mesa, dos rostos assassinos na madeira do guarda-roupa, das naturezas recônditas na estampa da porta sanfonada, nas dobras da colcha e nas imperfeições do chão, as conclusões lógicas infinitamente imaginativas, porém exatas, e as sensações mentais espantosamente presentes por pouco nunca sentidas recebo como dádivas do espírito. Será que se resumem a “ser

ou não ser”? Aceitaria ainda que permanente fosse esse alívio me ofertado: a possibilidade de literalmente acreditar deter digna resposta para a aflição do mundo. Esperar enquanto dura o fenômeno, emocionado absorver mudanças posteriores é o que me resta. Haverá resposta porque o certo fado da morte, acima de tudo, no fim iguala-se ao da vida.

A quem se destina o amor no plano imaginário? Como dissipá-lo em resoluta oferenda absorta? Aprendi que o imprudente sentimento nasce da inconseqüência de um ser forte, inconseqüentemente real de princípios. Que te ama e você, ingratição toda vida, reclama da sorte a fim de evitar entregar-se totalmente: carência em estado bruto bloqueando a felicidade de amar. Restando a louca gana por vingança do excesso de carinho não distribuído, a cota mínima saudável de humanidade, desperdiçada, falece consigo.

A coisa mais incrível entre a geofísica e a meteorologia é a oposição incondicional de climas característica dividindo os hemisférios da Terra. A graça que impôs o verão no Sul enquanto no Norte o inverno. Fato tão óbvio jamais requereu relato ou defesa - é aquilo que deve ser - como o bom relacionamento e respeito entre os homens e a natureza, cada vez mais comprometido.

*Um questionamento à imposição, por enquanto inevitável, da
condição de ser humano*

*Incapaz de bem reconhecer os próprios erros, a humana é raça que
voluntariamente prejudica, humilha e maximiza as falhas dos seus.*

Um questionamento à imposição, por enquanto inevitável, da condição de ser humano

O homem nasce formado por mero conjunto de decisões supervisionadas, controladas, melhor dizendo, e por relacionamentos pré-definidos que estabelecerão sua personalidade futura. Traíçoeiro é o núcleo da importância, inicial e infinita, desta que se apresenta (desrespeitando lei divina?) como intimidante obrigação social: a personalidade. Social porque este questionamento raramente vem à tona em desfrute desequilibrado de solidão. Os exemplos de falta de humanidade, fraternidade, companheirismo ou clemência que o despertam são os mais tristes e penosos; indignos de ti? - o balançar do louco que nega sua realidade superior, não se assume, rejeita consultar-se devidamente, sejam os doutores competentes e quão gentis?, o abraço invejado entre filha e pai na televisão?

Como as inovadoras descobertas na Medicina, os conceitos determinantes da Psicologia têm curtíssimo prazo de validade. E suas ramificações de pesquisa são rudes e bisbilhoteiras!, sem respeito por nós, senão interesse material. De inescrupulosamente revelar a própria alma se faz a profissão de gentes, simplificam-nos majestosa e sinceramente, no entanto, somos mais do que nós mesmos inteiramente decifrados em enciclopédias. De que maneira este ofício, dever indiscutível, os dignifica? Longe de casa, suportando árduo trabalho, produzindo o lucro dos patrões aproveitadores com o próprio suor? Lei trabalhista justa... asco! Nem nos países desenvolvidos onde a arrecadação de impostos tenta se aproximar dos benefícios para o povo, onde “os direitos do trabalhador são praticamente pontuais e respeitados”, só que o imundo lucro sobre o proletariado é bem maior que a distribuição de renda e é obtido ainda às custas da exploração de outros países menos "desenvolvidos". Lucro de poucos: conheço listas mais extensas e menos honrosas que a lista anual dos milionários mundiais.

Meus familiares abdicam do tempo livre (lhes “ofertado” para afastar conformismos) refletindo sobre o dinheiro que em duas vidas não ganharão. Pessoas próximas a mim se perdendo - novamente se esvai o sentido, os acompanho na perdição; não justifica ser pré-julgado preguiçoso: familiares, próximos a mim.

Darei uma razão convincente e outra tanto quanto a qual teve o azar de ser também romântica. A unicamente persuasiva te seduz como exclusivamente palpável. Pulsa na consciência caçando suavemente sua fé e se anula, simultaneamente: ora, a fé é o atributo mais secretamente romântico que você ostenta. A romântica, ao mesmo tempo convincente, de tua racionalidade não receberá créditos se teve a felicidade de ser necessariamente utópica. Angústia.

Tudo termina desse jeito. Um carnívoro que um dia foi amante nunca, jamais, será carnívoro e ponto final na sua simplicidade. Concorda? A razão-paixão predominante tem a estabilidade perturbada, disseminando anomalias do amor como vírus pelo tempo-espaço do corpo.

Infelizmente, conluo que ao horror por si só, à sombra do agradecimento à morta carne isenta de objetivos convencionais, careceu devida expressão; possível ausentando-se intenções de compreensão - antes flutuar, viver no limbo (louvável sonho).

Início de uma história interrompida por outra

Simplesmente sinto. Permitindo-me sentir e mais nada evito forjar conclusões catastróficas sobre percepções cotidianas; como identificaria e defenderia, justamente, fatores determinantes dos fatos debilitado pela imprecisão fria do racionalismo?

À minha frente, exatamente um passo, há um retroprojeto imóvel como uma girafa petrificada se esforçando para alcançar o alimento da quarta refeição do dia, pescoço esticado pescando a mais alta folha do arbusto. Igual às girafas, o objeto possui rabo cor-de-abóbora: fio de força pendurado. O visionário aparelho jaz apoiado sobre quadripé inclinado de madeira esculpido para exclusivamente suportá-lo. Pintado de cinza diluído n' água avarenta, o apoio descasca frente aos duros anos de uso e servidão. Inclinando mais o retroprojeto sem o derrubar do quadripé, seu estado é demasiado curioso: come do cume da árvore de trás agora e suspenso, com a cabeça quase no calcanhar, de algum jeito se sustenta e não cai.

Comentavam na sala, reunidos em círculo, o suicídio recente de nobre militar, amigo das forças armadas. Após vinte anos de ótimos serviços prestados, ele não se livrara de certa angústia vocacional que deixava sua mulher e filha igualmente apreensivas vendo, cada manhã antes de sair para o trabalho, agonia aguda estampada na cara do pai de família. Entre os irmãos de farda agrupados na discussão, indiferentes quanto à composição sangüínea do uniforme que usavam e tanto incomodava o morto, a opinião sobre as causas de tão violenta atitude era unânime: descartava-se inteiramente a não adaptação ao cego e rígido regime militar, uma vez que o homem desfrutava de carreira profissional impecável do ponto de vista disciplinar.

Preciso parar por aqui... É deplorável o modo como cheguei a esta história. Como puderam ignorar a falta dele enterrando-a sob críticas insensíveis?

Tomado por sublime indignação, ouvia a infame reunião sem esboçar emoções, sob o controle de um estado de viver imóvel, misturando-me às falhas óbvias da realidade. Ele se jogara da Terceira Ponte em Vila Velha – foi só o que disseram, em seguida tentaram comover o grupo: “É um dia triste; querido pela família, exemplarmente soube nos obedecer e se matou”.

No debate em sala e nos principais veículos de comunicação impressa destacou-se a idéia de que ele falhara com a atribuição comum de continuar sendo o mesmo indefinidamente. Da obrigação de honrar reproduzindo em folhas límpidas, espalhadas sobre larga mesa de jacarandá polida, as verdadeiras razões (pungentes) do suicídio disciplinador me abstenho.

Homem de guerra dedicado à família; junto da esposa mostravam-se almas gêmeas assumidas de graça, telepaticamente trocavam pensamentos, emoções, dores, prazeres de percepção instantânea, decepções mútuas, arrependimentos. Conheceram-se numa Adolescência mentalmente inquietos, ambos, mesmo para ela sendo bem mais fácil a convivência social porque era bonita ao extremo. Confuso, ele deveria ter amado qualquer gorda, branca, negra ou magra moradora da divisa entre Minas Gerais e Bahia. Incauto, apaixonou-se logo por guria de Vitória no Espírito Santo, cintura fina, cabelos e olhos castanhos, sorriso largo de grande luz e energia cinética capaz de dar vida, fazer chorar, despertar brutal desejo de sentir seus lábios num beijo úmido sobre a pele; com ela casou-se jovem o respeitoso militar, vivendo alegremente a gafe brega do casamento e tendo uma filha.

O ápice da reunião se deu ao informarem à classe que ele descumpriera a missão de sacrificar a própria vida unicamente pela defesa da pátria, atendendo a bel prazer ao egoísmo e isolamento psicosocial que cultivava. Retruquei, "o casal não estava mais junto, isso o desequilibrou! Ele se abraçava ao ofício fervorosamente!", com uma voz que subiu do peito e parou na garganta.

Como representar risadas irônicas na escrita? Quando deveria ter desprezado menos os dois nomes que tinha do que com ardor valorizar o trabalho, suicidou-se por medo da incompetência de entregar-se à selvageria do cotidiano.

Foram vinte anos servindo, não dias. É muito tempo agonizando dúvidas na idéia. A experiência lhe valeu porque o repúdio da estupidez cega de arrogantes ditadores esbravejando constantemente o fez desgostar de guerra.

Finda a discussão em sala, revoltado com o consenso alcançado, creio como real *causa mortis* do infeliz no conflito interior criador de conceitos errôneos, impertinente esclarecedor de mitos, não na pressão psicológica sobre ele exercida pelos superiores hierárquicos, devidamente respeitados, admiradores do aprendizado no sofrimento. Tanto que instantes antes de se jogar, equilibrando-se no pé esquerdo no parapeito da ponte, o homem se viu capaz de imaginar realisticamente uma batalha naval ocorrendo na baía abaixo dele: o Brasil enfim destruía a supremacia dos EUA com seus navios supermodernos e ele exercia papel de combatente fundamental ao êxito brasileiro.

Luft

Somados, os amores e aventuras dele resultam numa inteira vida desperdiçada.

Quando estudante universitário, chocou-se bruscamente com o principal exemplo do infinito insucesso que o persegue no amor: subindo a estreita escada da universidade, apressado e desatento, deu de peito na deslumbrante formosura loura do primário, antes bela criança, então moça de rosto fino, lábios médios róseos e carnudos, com a qual há uma década e meia não se deparava.

Precavido, evitarei traçar cronologicamente o desenrolar desta ultrapassada paixão pueril; prezo pelo relato *in natura* das lembranças desordenadas que consumiram o coração do rapaz como fogo insuportável, presumível, no dia do choque-surpresa.

No início o colégio era o Gildo Araújo, a menina, Gerlaine. E Luft, no máximo oito anos de idade (considerado bastante imaturo), nela acordava pensando. Chegava cedo junto aos primeiros e sentava-se na carteira imediatamente atrás dela na sala de aula. Entreolhavam-se discretos e tímidos, contendo aproximações modernas desprovidas da dificuldade romântica infantil que tudo dramatiza em prol da beleza do instante vital. Por esta razão às crianças pertence o Reino dos Céus.

A professora indagou em puro tom de declaração matrimonial:

- Vocês estão namorando é? - ruborizando ambos. O jovem casal preferia a morte ao namoro culposo contemporâneo. Anos mais tarde, homem feito sofrendo constantes assomos de superioridade individualista, Luft desejaria humildemente a extinção dos casais de namorados do planeta, cria - fúteis e inúteis.

Diariamente carregavam nos ombros até a escola pesado sentimento de bem querer um pelo outro. Lá a meiga esperança se exercia ponto de encontro entre a possibilidade de união pura, isenta de malícia selvagem, e almas propícias à doação extrema.

Fora a audácia malévola da criança-mulher que por pouco não enfarta o menino de susto agradável:

- O garoto que gosto usa pulseira rosa – Gerlaine de repente arriscou.

Tal e qual era a cor da fitinha de São Pedro de Alcântara esbanjada no pulso esquerdo de Luft. Declarando-se, virara pra frente deixando-o perplexo e mais intensamente enamorado. Na

época ele falsamente assumira ter considerado-a boba, superficial, esnobe logo compenetrante por tamanha investida repentina. Viam-se sintonizados o suficiente para tais mentiras impróprias, mas, encontrando-a futuramente na universidade, recordara-se da mágica sutileza preenchendo a boca dela ao mirar-lhe as últimas palavras de perdição.

O que ele incisivo descartou foi entregar-se. Brincava, instigava, mexia displicentemente, indicava ardiloso interesse por alguém sem explicitá-la. Deleitava-se nos cachos amarelos macios de Gerlaine, neles punha os pensamentos pra dormir; onde poderia dar este justíssimo relacionamento entre crianças tão pequenas?

Na escada estreita, a força do choque despertara no coração cauteloso de Luft íntima agonia escolar de anos atrás, onde recusando assumir afeições sentia-se sentimentalmente mais poderoso que mulheres. Menos do que na infância soube o que dizer. Descendo a curva ela sumiu debaixo do olhar suplicante dele - implorava ajuda própria capaz de levá-lo a infantil e contidamente murmurar:

- Você por acaso estudou no Colégio Gildo Araújo?

Meses depois, três no máximo, vindo da faculdade à noite, acomodava-se estupefato, impassível na van a caminho de casa atrás do banco onde, cachos loiros intocados, estava a moça antes de descer no ponto.

Ciúmes de um vendedor de doces

Tendo suplicado insistentemente, realizado malabarismos circenses no meio da rua com a mercadoria (inserindo o sumo da irreverência nos atos), ofertado uma amostra grátis ao motorista, Evaldo finalmente subiu as escadas do ônibus, vitorioso.

Apesar de ter vendido somente um conjunto de cinco bananadas nas criativas investidas direcionadas ao público, em nada diminuir o peso das costas, sentou-se e aguardaria calmamente a chegada ao ponto final se outro vendedor não lhe tomasse metade do palco sobre rodas. Entreolharam-se instantaneamente, ódio em riste.

Luis, menos talentoso, nenhuma bala de morango com recheio de chocolate conseguiu negociar. Contudo, foi escoltado pelo olhar raivoso de Evaldo até o fim do corredor, de canto de olho, disfarçando não sei o quê; defendia timidamente seus direitos de vendedor pioneiro, devendo fazê-lo descaradamente. Evaldo manteve a cabeça meio virada e vigiava o concorrente abordando os passageiros aos gritos:

- Ajudem minha filha doente, senhoras e senhores - carinhosamente distribuía fotos da menina entubada no leito do hospital. - Se senhoras ou senhores puderem, comprem uma balinha pra adoçar a viagem, dez custam um real!

Provavelmente sem maiores compromissos na vida além de ludibriar a ingenuidade popular de ponto em ponto, falhando saltou Luis metros adiante de onde havia apanhado o ônibus.

Evaldo não dignificou-se vencedor graças ao doce vendido a mais que o adversário de trabalho, tamanho era o ódio do salafrário insensível. Pelo contrário, achou-se solitário imerso no desgosto então desceu também antes do destino prévio. Saiu bruto, batendo o chinelo na lama, ah, bravo personagem da comédia humana, este sim: original visionário do comércio alternativo, honrado, a quem fere mortalmente toda falsidade do mundo.

Vendo-o ir embora através do vidro grosso e sujo da janela, funde-se à imagem preta do carro estacionado do lado oposto da rua. Ainda raivoso, Evaldo chutou longe uma garrafa plástica que surpreendentemente por pouco não pegou na cabeça da filha de Luis, contando dinheiro de mãos dadas com o pai na calçada.

Não estava o dia propício à paciência de Evaldo: antes de explodir e descer do ônibus um homem enorme ficara durante vinte minutos de pé à sua frente, eclipsando a privilegiada vista do

trânsito de quem senta no primeiro banco. Sentindo-se prejudicado, retrucara alto com furor na voz para os demais passageiros ouvirem:

- Olha só! Na minha frente – a camisa do gordo, muito envergonhado, tinha estampas verde-fluorescentes. - Dói minha vista toda!

Dissera apontando o bendito canto do olho, ora justo, ora de inveja descabida.

Fuga

Há muito tempo minha cabeça dói. Achava que não doía nada, que o incômodo se resumia aos benéficos desvios de comportamento e personalidade conquistados via alinhamento astral na ocasião do meu nascimento. A auto-ilusão passiva é o primeiro infortúnio que nos une e atinge particularmente cada um. Evitamos dar o último passo para fora da jaula aberta, comportadamente devotados às grades olfativas que casaram-se com a casca do limo fétido desta terra inóspita pisada durante a vida.

Viva o humano! pois em nosso mundo tudo é mutável. O sentido da palavra é passível de ser manipulado ou sucumbido. Ou, desculpe-me a franqueza, hipocrisado.

Já que não me há ajuda, eu lacrimejo e bocejo. Passo a mão na cabeça e escrevo porque, mais odioso que padecer em Bangu III é ter ciência da total liberdade delicada que a condição humana nos oferta. E que fique claro que ninguém diz não à liberdade, porém somente o Papa a goza com prudência.

Vivemos escravos inertes com o peso do uso excessivo de artificialidades nos flagelando os ombros. É o bom sentido que nos chicoteia amarrados à verdade.

Com a derradeira confissão, sinceramente aceito e arrependido, minha dor de cabeça foi profundamente distraída.

Conserte-o, desenvolva-o, é seu guia

Gilberto, jovem técnico em eletrônica dotado de alguma experiência, havia sido transferido pela empresa para Belo Horizonte há dois meses. Vivera sua vida inteira no Rio de Janeiro instalando troços atrás da televisão das pessoas a fim de que a imagem delas melhora. O sotaque dos “s” pesados o diferenciaria dos técnicos mineiros com o intuito de dar-lhe coragem para visitar grande quantidade de gente num só dia.

Depois da primeira instalação de uma carreira curta fora do estado natal, perdido na liberdade de contato mais íntimo com mundos distintos, Gilberto presentiu o jeito como seria tratado nas casas de Minas e por suas respectivas televisões: inconveniente criado, capacho, servil descartável, gratuitamente desprezado. Ninguém se importava com seus produtos já que a imagem de fato não apresentava melhoras de qualidade. Eram necessárias de vez em quando “algumas poucas modificações para funcionar”.

A maioria das donas-de-casa que o recebiam à porta, cara a cara com o quarto botão de cima para baixo da sua camisa, teve a benção de conceber uma filha adorável, “eternamente Cinderela” e muda, nutrindo vontade afoita de tocar em televisão de garota especial que perseguia; Gilberto captava inúmeras qualidades nelas e não as inventaria caso contrário (provavelmente o animal inventaria porque nem entrava na casa às vezes, menos então via a jovem: havia perdido o horário do atendimento preferindo ficar no hotel lanhando as costas com o cabo que instalaria na televisão, alimentando mentalmente qualidades desde o nascimento parasitas do orgulho nunca secretas em cada guria).

Ao número e endereço que o patrão lhe dera dirigiu-se. A senhora na porta miraculosamente foi simpática. Ali era zona sul de Belo Horizonte sem maresia:

- Oi, boa tarde. Eu vim pra instalação do equipamento.
- Adiantado demais, menino! O programa da minha filha ainda não terminou!
- Me desculpe, senhora, eu volto mais tarde.
- Blãnh! – gritou grave a porta.

Eu fui embora envergonhado, o instalador insistiu:

- Tenho outra instalação daqui a vinte e cinco minutos, senhora. Posso ao menos começar meu trabalho deixando os cabos no local e acertando estas três peças aqui? São tão pesadas quanto a TV pra serem carregadas de volta... Olhe, o programa da sua filha não é o que acabou de terminar?

- Ora, vá ver! Tem certeza que sabe mexer com essas coisas? Você é bem novinho, cuidado com a televisão! E me deixe que tenho que terminar o almoço.

Virando-se rumo à cozinha, a mulher depositou o peso inteiro da repelente casa sobre a timidez corcunda de Gilberto. Uma vez sozinho num lugar estranho, perdera seu guia, a curiosa imprevisibilidade humana alheia. O sabor de distração compromissada na companhia de alguém era mais confortável comparando-se ao fuzuê prepotente dos sentidos livres pelo ambiente. Faltava ar de família lá: a mulher e o marido haviam perdido o diálogo e pioravam as brigas, o filho, bem sucedido no jogo e com as mulheres, passava o tempo longe do lar.

Gilberto, invariavelmente filho de Gertrudes, caminhou até a TV sem direção constante. Seu íntimo de sentidos próprios relutava, retrocedia, petrificado se tornou: a garota almejada se encontrava dura de frente para o objeto de trabalho (por muitos cultuado), estática apoiando o rosto na mão esquerda, esquerda de torta, na bochecha rosados sobre a pele seus dedos já estavam tatuados.

- Oi, dá licença, eu vim pra instalação. Você pode desligar sua tevê um pouco?

Rapaz depressivo e sabedor das coisas, amortecedor do vasto, mais educado que ele só Jesus, seu amigo de infância.

A TV ganhava em atenção das palavras generosas, embora esperadas por anos em meio a grunhidos de desânimo. Ele desculpou-se por dizer outra coisa, perguntou se podia desligar. Nem brilho nos olhos ou na atmosfera em volta ela “vidrada” tinha como resposta. Desconheço se esperneava: “Não me importo! Leve isto daqui com você!”, chacoalhando aquele aconchegante oceano castanho sem ondas na cabeça.

Descartando a esperteza marota inútil, não menosprezando a inteligência de Gilberto, nada poderia ser empregado nesses casos de não-reciprocidade no amor. Os quais não são exceção! Um desinformado imaginário me dissera que em matéria de amor verdadeiro, do tipo homem X mulher, são raras as divergências, antes do: “Gilberto, jovem técnico em eletrônica dotado de alguma experiência...”, ainda me secando após o banho.

Então renasce das cinzas infinitamente maior o limite inescrupuloso da descarada experiência teórica amorosa:

- Sua mãe me disse que seu nome é Augusta. Hein, Augusta... posso desligá-la por um minuto? Tua imagem vai melhorar, garanto. Me responde, vai! Pisque um dos olhos se você me permite.

Ainda Augusta contava com bom guia, a tevê.

Considere-se inepto e o amarei no clube do meu coração

Aquela noite de autógrafos do escritor preferido de Daniela estava por vir. Daqui a dois dias e três horas a mais iria ela, já eufórica, até a livraria menos diversificada do Flamengo, cujos livros discutem a elevação do ser através do pensamento profundo e do descarte da moral (jamais citando a existência de Nietzsche). Iria bem linda e charmosa, normal, do jeito que era - com a pior amarrotada calça embaixo, em cima a mais desbotada camisa de malha com desenho de golfinho bordado inteiramente por ela.

Daniela conseguira de fato chegar; tomara o cuidado de ir à livraria no dia anterior para que não se perdesse no caminho do grande acontecimento, contando que os caminhos devem ser respeitados e sabendo que só teria obrigação de segui-lo se estivesse totalmente satisfeita com ele. Era seu ídolo que estava ao alcance, o quê atrapalharia? A noite ímpar era prova justa de que vale a pena sonhar com imaginação liberal; Daniela usualmente se revoltava com seus sonhos e desejos por não desejar com digno fervor a realização deles, tendo medo da execução positiva pois aprendia mais com os fracassos do seu singelo empenho.

A fila ultrapassava bastante porta afora da pequena livraria, tão pobre. Pelo menos o arquiteto planejara um corrimão de metal na escada para Daniela se apoiar, uma barra inteirinha de metal frio alaranjado que gelava suas popas mal cobertas pelo jeans velho.

Amaro da Costa intencionara ficar até às três horas da manhã dando autógrafos gentilmente, sorrindo e suando para se manter sorridente. De frente para a mais penosa rotina desde o lançamento do primeiro conto, entediado autografava sob calor escaldante da noite carioca. No livro dos leitores preferidos, estabelecidos através de olhar inquisitivo no motivo de cada um para ali estar, deixava marca de saliva, de beijo enrugado pela arte.

O escritor tinha menos de quarenta anos e aparentava menos ainda, mas sua auto-estima cumpria regra de estar baixa em dias cansativos - percebera a jovem perspicaz apesar dos falsos sorrisos do mestre (ela era capaz de ver a transformação dos dedos em vinte na consideração de suas sombras). Avistando Daniela relutante ao longe, a estudou com leve interesse. A conclusão dele a respeito dela surgiu enfática: “Inútil, se deixa influenciar pelo que escrevo”. E então o próprio encorajou-se, o Amaro da Costa emitiu sinal sutil e sedutor para que ela se aproximasse. Com uma inclinada de queixo disse e falou: “Vem”.

Daniela queria ter respondido como no sonho que teve: perto dele, ajoelhou-se e pôs sua cabeça no colo sofrido e não-vivido do artista. Os outros leitores completamente pasmos! Esbravejavam mandando que Daniela o largasse, era “pegar o autógrafo e se afastar”. Ela nada ouvia. Relaxava e sublimava quem ou aquilo que a pressionasse, o quê a trancava deixando-a tensa e que estava distante, mas ao redor. Daniela acariciou as sobrancelhas de Amaro da Costa até ficarem gastas e perderem os pêlos. Fez depois de abrigar as orelhas do mestre nas duas mãos pequenas e macias e balbuciar palavras indispensáveis a um sonho comum e impossível de se concretizar, sonho respeitável; pronuncie-as de vez se desejas, Daniela:

- Ah, meu tolo Amaro, você é tanto!

Vingança própria

Adorável conflito amoroso perturbava a consciência de Vanilha nos últimos infundáveis meses, mas, também desenvolvia-lhe poderes e adiantava aquisições futuras inerentes ao sexo feminino. Conquistas, no fim, desastrosas.

Enquanto impassível quanto ao caminho duvidoso a tomar, ela se desenvolvia esperta, nariz altivo e reclusa entre emoções. Revelou-me, inclusive, que em relação às malícias do fato de ser mulher, “não queria nada disso e desaprenderia bastante com o tempo”.

Fingida Vanilha. Divulgava-se extremamente sofrida ao grupinho de amigos freqüentado e satisfação alguma preencheria seu sensível canal vazio de compreensão no decorrer da vida, defendia.

Afinal instantes antes da temerosa escolha, psicologicamente plena e em sã consciência (de fato levemente inocente), Vanilha descobriu que precisaria de audácia masculina para decidir entre dois homens; excitada, viu que lhe faltava intrepidez de homem correto e corajoso. Na verdade, há muito carecia sem perceber... era amada pelo amigo Joel, incrivelmente amada, no entanto, como não recebia dele provas concretas de cumplicidade (há casos em que são impossíveis, apesar da veracidade do sentimento), covardemente menosprezava este amor refugiando ambos numa amizade forçada.

O mundo era insuficiente pra Vanilha, a insatisfeita. Sacrificou felicidades buscando homem certo, devasso e direto porque os outros, como Joel, lhe caíam aos pés da beleza intrigante envolvidos pela sedução da carência feminina. Teve lindos relacionamentos, claro, acontece que ela nem os implorara. Abandonados geralmente ao declararem sonhos de uma noite na praia ao lado dela, maltratando-a mais que humilde citação de sua verdade sem-dono.

Sobreviventes da adolescência que não herdaram do conturbado período vivido sensibilidade e percepção tão tímidas quanto justas, liberais e irrisórias à razão, esqueço completamente, ignoro.

Falo de Vanilha, portanto, ela tinha por obrigação e graça as qualidades acima, “apaziguadoras de desprezíveis cromossomos igualmente imutáveis unidos certa fatídica ocasião”, desabafava Joel na raiva do desprezado - único e indivisível amor que lhe era de direito. Amor mortal, pois se tomasse coragem para abraçá-lo, Vanilha escaparia de ordinários desenlaces de família, por vezes úteis à boa saúde da união, para cair em divertidos absurdos da rotina diária na nova morada com Joel: correriam para o banheiro de mãos dadas quando

ouvissem voz de vizinho na porta de casa, devota, se apressaria em lavar rapidamente os sapatos do esposo cansado em vez de beijá-lo após vinte dias sem vê-lo. Queria demais amor verdadeiro e se viesse desse amigo, maravilha! E que viesse logo. Todavia, ela não suportaria viver sem menores desavenças porém afogada em falsidades e incertezas provocadas pelas frágeis demonstrações de afeto vindas de Joel... qual dos piores destinos seguiste, Vanilha?

Felizmente, fazemos amigos, necessidade básica como bons livros e música, por diversas vias distintas. Visitamos pela primeira vez lugares anteriormente freqüentados por eles e os descobrimos, ou os conhecemos através de outros amigos, os apresentados. Joel, jovem meticoloso, sincero e preocupado com Vanilha, capaz de esconder misteriosos atributos a seu favor no momento da escolha dela, presenteou a moça com outro amigo: um pescador. Não rude, pescador sedento por dar amor. Tinha de sobra e pescava mulheres na companhia dos colegas de trabalho, seduzidos pela facilidade com a qual Marcos destilava a simplicidade odiosa do sexo oposto (era o que ele tinha de mais oposto!) e, ébrios de admiração e confiança, bebiam álcool vorazmente, além da saciedade. Marcos apanhava peixes gordos e espinhosos com grossas mãos nuas; o pescador deixava a barba crescer às vezes.

Vanilha dispensou o trabalho de agradecer a Joel pela segunda opção. Ela acreditava já fazer demais por ele proferindo-lhe frases românticas e agradáveis e pasmem - sendo seu único motivo para viver.

Dentre os bons sentimentos a alegria destaca-se como o mais efêmero, ninguém se mantém o tempo inteiro completamente contente, Vanilha então... A insossa vivenciou situações das quais jamais se recuperará, insultando a sorte até os últimos dias viva. O pescador solitário percebeu diversas fraquezas nela, aprendendo ainda a pescar. A implacável relutância de Joel, a quem Vanilha demonstrava querer anteriormente, rasgou a rede dela o prendendo em pedaços (oh, Deus, felizmente ou não?). Livrou-se ele apesar do charme no sorriso e das respostas gentis ofertadas, dos agrados brandos, quietos e cheios de suspense e magia. O gosto do pescador ignorava tais artimanhas femininas mas, quão selvagem, o jeito moralmente despojado de Vanilha era idêntico ao dele. Combinavam.

Marcos não desejava atrapalhar quaisquer relações que Vanilha e Joel mantivessem. Acredito nele de coração. O homem trabalhava com redes, Vanilha se entregava já presa numa e indisposta a se debater. Tudo que fez foi recolhê-la com habilidade, mais naturalmente que jogar tarrafa; durante algum tempo suas grossas mãos acolheram-na.

Por quanto tempo? Fiz pergunta semelhante antes de os três se cruzarem subitamente pela ciclovia da orla niteroiense, o sol se pondo. Joel tinha o sorriso gasto pela timidez adulta e para piorar sorria contidamente à toa, por causa de qualquer palavra dirigida a ele sobre tudo. Deu seguidos ao encontro três sorrisos iniciais, sendo retribuído só pela criança no colo de Vanilha, nascida do casamento com Marcos. Mas Vanilha quebrou-se toda, coitada, mesmo previamente advertida olhou para trás: seu velho amigo admirava o surpreendente e instigante pôr-do-sol, depois continuara andando, distanciando-se dela. Voltando a atenção ao marido, ela fraquejou ao beliscá-lo no braço esquerdo: Marcos preparava a rede minuciosamente e compenetrado mirava a bunda da morena.

“Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada.”

I CORÍNTIOS, 13:2